

Mobilidade poética na Grécia antiga

Uma leitura da obra de Simónides

Luísa de Nazaré Ferreira

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Mobilidade poética na Grécia antiga

Uma leitura da obra de Simónides

Luísa de Nazaré Ferreira

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUJEITOS A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

TÍTULO • MOBILIDADE POÉTICA NA GRÉCIA ANTIGA: UMA LEITURA DA OBRA DE SIMÓNIDES
AUTORA • LUÍSA DE NAZARÉ FERREIRA

SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTVM

COORDENADOR CIENTÍFICO DO PLANO DE EDIÇÃO: Maria do Céu Fialho

CONSELHO EDITORIAL

José Ribeiro Ferreira
Maria de Fátima Silva

Francisco de Oliveira
Nair Castro Soares

DIRECTOR TÉCNICO: Delfim Leão

OBRA REALIZADA NO ÂMBITO DAS ACTIVIDADES DA UI&D
CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
E-mail: imprensauc@ci.uc.pt
Vendas online:
<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
SIMÕES & LINHARES

ISBN
978-989-721-031-0

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Imprensa da Universidade de Coimbra

ISBN DIGITAL
978-989-721-032-7

CONCEPÇÃO GRÁFICA & PAGINAÇÃO
Rodolfo Lopes & Nelson Ferreira

DOI
<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-721-032-7>

PRÉ-IMPRESSÃO
Imprensa da Universidade de Coimbra

1ª EDIÇÃO: IUC • 2013

DEPÓSITO LEGAL
353373/13

© JUNHO 2013.

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
CLASSICA DIGITALIA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS (<http://classicadigitalia.uc.pt>)
CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Reservados todos os direitos. Nos termos legais fica expressamente proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio, em papel ou em edição electrónica, sem autorização expressa dos titulares dos direitos. É desde já excepcionada a utilização em circuitos académicos fechados para apoio a leccionação ou extensão cultural por via de *e-learning*.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
NOTA PRELIMINAR	12
INTRODUÇÃO – A TRADIÇÃO DOS AEDOS E DOS RAPSODOS	
I. Mobilidade poética no mundo homérico	15
II. O testemunho de Hesíodo (<i>Op.</i> 650-662)	27
III. O aedo de Quios do <i>Hino Homérico a Apolo</i> (vv. 165-176)	33
IV. O <i>Certamen Homeri et Hesiodi</i>	41
V. A tradição dos rapsodos	49
PARTE I – DADOS PRELIMINARES	
I. AS FESTAS PÚBLICAS E A POLÍTICA CULTURAL DOS TIRANOS	63
II. AS CONDIÇÕES DE MOBILIDADE, O ACOMPANHAMENTO MUSICAL E A EXECUÇÃO CORAL	97
PARTE II – O ESPAÇO DE MOBILIDADE DE SIMÓNIDES	
I. Dados biográficos	115
II. A mobilidade de Simónides	121
II.1. As festas públicas	124
1.1. A composição e execução de hinos	124
1.2. A composição e execução de odes de vitória	126
1.3. As vitórias nas competições de ditirambos	131
II.2. Os patronos	136
2.1. Da Grécia Central e Insular	136
a) Em Atenas durante a tirania	136
b) Os patronos da Eubeia	141
c) Simónides, cantor nacional das Guerras Medo-Persas	143
d) O testemunho do <i>corpus</i> epigramático	151
e) Os Oligétidas de Corinto	155
2.2. Da Tessália	156
a) As famílias aristocráticas	156
b) Epinício para os filhos de Eácio	164
2.3. Da Magna Grécia	164
a) Os tiranos da Sicília	164
b) Mílon e Astilo de Crotona	172
III. A criação de um clássico: os motivos biográficos da lenda de Simónides	173
III.1. Um poeta ganancioso ou a profissionalização do ofício poético?	174

III.2. O cultor da memória	179
III.3. Simónides, poeta sábio ou “proto-sofista”?	183

PARTE III – *FRAGMENTA SELECTA*: UMA LEITURA DA OBRA DE SIMÓNIDES

I. O CANTO EM HONRA DOS HOMENS	189
I.1. Reflexões sobre a condição humana	191
Fr. 520	191
Fr. 521	193
Fr. 522	195
Fr. 523	196
Fr. 526	197
Fr. 527	198
Fr. 541	199
Fr. 542	203
Fr. 579	216
Fr. 581	218
Fr. 584	220
Fr. eleg. 19	221
Fr. eleg. 20	224
Fr. eleg. 21	228
Fr. eleg. 22	231
I.2. O elogio de um esforço individual: a glória nas competições desportivas	239
Fr. 506	239
Fr. 507	241
Fr. 509	246
Fr. 511	249
Fr. 515	252
I.3. O elogio de um esforço colectivo: a glória nas lutas contra os Persas	255
Epigr. XVIII	255
Epigr. XIX	256
3.1. Maratona	257
Epigr. V	257
Epigr. XX (b)	259
Epigr. XXI	260
3.2. Termópilas	262
Fr. 531	262
Epigr. VI	267
Epigr. VII	270
Epigr. XXII (a) et (b)	270
Epigr. XXIII	273
3.3. Artemísio	274
Epigr. XXIV	274
3.4. Salamina	275
Epigr. XIX (a)	276
Epigr. XI	277
Epigr. XII	279
Epigr. XIII	280

Epigr. X	281
Epigr. XIV	283
3.5. Plateias	285
Epigr. VIII	285
Epigr. IX	286
Epigr. XV	287
Epigr. XVI	288
Epigr. XVII (a) et (b)	290
Epigr. XX (a)	292
Fr. eleg. 10	294
Fr. eleg. 11	295
Fr. eleg. 13	304
Fr. eleg. 14	305
Fr. eleg. 15	306
Fr. eleg. 16	307
II. O MITO: DEUSES E HERÓIS NA OBRA DE SIMÓNIDES	315
Fr. 575	318
Fr. 577	323
Fr. 555	326
Fr. 543	331
Fr. 553	338
Fr. 545	340
Fr. 567	341
Fr. 595	342
Fr. 550	344
Fr. 551	346
Fr. 559	347
Fr. 572	347
Fr. 564	350
III. A PRESENÇA DA NATUREZA	353
Fr. 508	356
Fr. 586	362
Fr. 597	363
Fr. 593	364
CONCLUSÕES	367
BIBLIOGRAFIA	
I. Edições, traduções e comentários	379
II. Estudos	387
ÍNDICES	
Índice de fontes antigas	407
Índice de autores modernos	441
Índice geral	453
Índice de termos gregos	467

PREFÁCIO

Celebram-se no presente ano de 2012 duas décadas da publicação do *P. Oxy.* 3965, que veio confirmar a reputação de Simónides como intérprete notável da resistência helénica nas lutas contra os Persas. Desde esse ano de 1992, o ‘Novo Simónides’, como de imediato passaram a ser designados os fragmentos papirológicos então revelados, nos quais a batalha de Plateias parece ocupar lugar de relevo, tornou-se objecto das leituras mais distintas e interessantes. O estudo que agora se publica – graças ao incentivo generoso de amigos, de colegas, dos meus mestres, da Coordenadora Científica do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Professora Doutora Maria do Céu Fialho, e do Director da Classica Digitalia, Professor Doutor Delfim Ferreira Leão – é fruto da investigação realizada durante uma boa parte deste período cronológico e corresponde, com pequenas alterações, à dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra em Novembro de 2005.

Ao longo de vários anos procurei cumprir um sonho antigo de estudar com rigor e persistência a lírica grega do período arcaico. A eleição de Simónides como figura central deste trabalho devo-a ao Professor Doutor José Ribeiro Ferreira, meu orientador pedagógico de várias edições da cadeira de Literatura Grega. A Professora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, que aceitou orientar este estudo e o acompanhou até à sua conclusão, sugeriu a segunda linha de pesquisa: enquadrar o caso particular de um poeta de fama excepcional, e do qual haviam sido publicados recentemente fragmentos papirológicos, numa situação geral e pouco estudada, a mobilidade dos líricos arcaicos.

A mobilidade poética não é um fenómeno exclusivo da Época Arcaica nem tipicamente grego, mas inscreve-se numa tradição enraizada na própria

maneira de ser do povo grego. Assim, no capítulo de introdução comento os testemunhos literários mais antigos sobre a existência de poetas itinerantes, os Poemas Homéricos e a obra de Hesíodo, que nos permitem caracterizar a actuação dos aedos, mas alarguei esse estudo à tradição dos rapsodos, que fizeram da mobilidade um modo de vida e continuavam activos no tempo de Xenofonte e Platão.

O plano da investigação previa o estudo da mobilidade dos líricos arcaicos sob duas vertentes: o exame das motivações principais desta prática e das condições em que se efectuava. Desta pesquisa resultou a primeira parte da dissertação. Em termos gerais, constitui uma reflexão sobre as condições de trabalho dos antecessores e contemporâneos de Simónides. No entanto, dada a escassez de fontes ou a falta de fidedignidade de algumas delas, tenho consciência de que constitui apenas uma descrição aproximada dessa realidade.

Por razões metodológicas, pareceu-me conveniente comentar à parte a documentação respeitante a Simónides, sendo o objectivo fundamental da investigação o estudo dos seus fragmentos principais, mas tendo em consideração as possíveis circunstâncias em que compôs e apresentou as suas obras, bem como os contactos que estabeleceu ao longo da sua vida. Assim, na segunda parte, depois do exame breve dos dados biográficos, comento os elementos, recolhidos dos testemunhos e dos fragmentos, que nos permitem esboçar o espaço de mobilidade de Simónides, tendo em vista dois aspectos principais: as ocasiões de execução da sua obra, designadamente as festas públicas, e as pessoas que celebrou ou com as quais contactou por razões profissionais. O último capítulo desta parte é dedicado às histórias sobre o carácter do poeta, transmitidas pela tradição pseudo-biográfica, fruto talvez de leituras erróneas da sua obra, mas que são também um testemunho da admiração que a figura de Simónides continuou a despertar muito tempo depois da sua morte.

O facto de não conhecermos, na maior parte das vezes, o subgénero dos fragmentos que nos chegaram ditou a opção, que segui na terceira parte, de um comentário organizado segundo os temas privilegiados no *corpus* de Simónides, que compreende fragmentos líricos, elegíacos e epigramas.

Embora tenha consultado numerosos estudos, será justo dizer que esta investigação muito deve aos trabalhos de C. M. Bowra, W. Burkert, D. A. Campbell, D. E. Gerber, J. H. Molyneux, D. L. Page, P. J. Parsons, O. Poltera, M. L. West, bem como aos dos meus mestres e colegas. Por outro lado, esta exposição fundamenta-se em muitas fontes antigas, designadamente nos *testimonia* que D. A. Campbell compilou para a segunda edição Loeb Classical Library da lírica grega do período arcaico. Uma vez que nas últimas décadas temos assistido à publicação em Portugal de traduções de qualidade dos autores gregos e latinos, algumas delas premiadas, e sendo esta tarefa tão exigente,

pareceu-me mais correcto citar essas versões. As traduções dos fragmentos de Simónides são da minha autoria.

Como foi dito acima, no decurso desta investigação contei com o apoio de muitas pessoas e entidades. Reitero, por isso, o meu agradecimento sincero aos Mestres que orientaram este estudo, a Professora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira e o Professor Doutor José Ribeiro Ferreira, aos meus familiares, amigos, colegas e funcionários do Instituto de Estudos Clássicos, do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, aos meus alunos de Literatura Grega e demais cadeiras, bem como ao Dr. Nelson Ferreira, que acolheu com dedicada paciência a tarefa ingrata de formatar este estudo. Escusado será dizer que qualquer incorrecção é da minha inteira responsabilidade. Agradeço igualmente o apoio financeiro concedido pela Fundação Calouste Gulbenkian, sob a forma de três bolsas de curta duração, que durante o período de pesquisa aliviou as despesas de deslocação às bibliotecas da Sorbonne e da Universidade de Caen.

Estou grata a todos. Bem hajam.

Coimbra, 31 de Julho de 2012

Luísa de Nazaré Ferreira

NOTA PRELIMINAR

Entendemos por *corpus* de Simónides o conjunto de composições líricas e elegíacas (poemas e epigramas) considerado nas edições organizadas por D. L. Page, M. L. West e D. A. Campbell. Os fragmentos líricos (fr.) são identificados pela numeração contínua de *Poetae Melici Graeci*, que Campbell adoptou na sua edição. Para os elegíacos (fr. eleg.), seguimos a estabelecida na segunda edição do vol. II de *Iambi et Elegi Graeci ante Alexandrum cantati*, e para os epigramas (epigr.) a de *Further Greek Epigrams*. Os testemunhos (test.) relativos aos poetas mélicos são os que figuram em *Greek Lyric*, de D. A. Campbell.

Na citação de autores gregos, seguimos, quase sempre, as abreviaturas de H. G. Liddell-R. Scott-H. Stuart Jones (edd.), *A Greek-English Lexicon* (Oxford⁹1996 = *LSJ*). Para os autores latinos, as de P. G. W. Glare (ed.), *Oxford Latin Dictionary* (Oxford 1982). As publicações periódicas são identificadas pelas siglas de *L'Année Philologique*. Além das indicadas na bibliografia final, ocorrem também as seguintes:

Chantraine (P.): *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque. Histoire des Mots* (Paris 2009).

LIMC: Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae (Zürich-München 1981-1997).

OCD: S. Hornblower, A. Spawforth (edd.), *The Oxford Classical Dictionary*. Third edition revised (Oxford³2003).

P. Oxy.: *Oxyrhynchus Papyri* (London 1898-).

Ao longo da exposição, as edições, traduções, comentários e estudos citados na bibliografia final são identificados pelo apelido do autor e ano de publicação. Além dessas obras, indicam-se nas notas, por extenso, outros títulos que foram consultados pontualmente ou constituem, para este trabalho, bibliografia de carácter complementar. Justifica-se assim a existência de um índice de autores modernos.

Não adoptámos o itálico nas palavras e expressões latinas correntes, como vide, ad loc., in, supra, infra., que foi mantido nos termos gregos transliterados (e.g. *arete*).

Nas referências cronológicas seguimos E. J. Bickerman, *Chronology of the Ancient World* (London 1968). Salvo indicação em contrário, as datas são anteriores a Jesus Cristo.

INTRODUÇÃO

A TRADIÇÃO DOS AEDOS E DOS RAPSODOS

II. AS CONDIÇÕES DE MOBILIDADE, O ACOMPANHAMENTO MUSICAL E A EXECUÇÃO CORAL

Até à Época Romana o mar é a via de comunicação privilegiada no mundo grego, apesar da existência de estradas que permitiam a ligação entre as cidades e, sobretudo, entre estas e os centros religiosos mais importantes¹. O desenvolvimento da navegação e do comércio, que suscitou a descoberta da bacia do Mediterrâneo e o aparecimento dos primeiros périplos, foi por certo motivado pelo fenómeno da colonização grega². Supõe-se, aliás, que o interesse pelo Egipto, manifestado por personalidades célebres, como Tales, Hecateu, Sólon e Heródoto, surge na sequência da fundação, nos fins do séc. VII, da estação comercial de Náucratis, no Delta do Nilo, por comerciantes de Mileto³. Plutarco, a propósito das viagens de juventude do legislador ateniense, recorda que ‘alguns mantêm que foi mais na busca de experiência e de conhecimentos do que de lucro que Sólon empreendeu as suas viagens’ (*Vita Solonis* 2. 1)⁴.

No entanto, qualquer deslocação por terra ou por mar envolvia dificuldades e riscos temidos. Hesíodo deu-nos o seu testemunho sobre as condições de navegação no Egeu na Época Arcaica (*Op.* 618-694), mas, ao que parece,

¹ Na Época Arcaica, além dos santuários de Delos e de Delfos, eram também muito importantes o de Zeus em Dodona (Epiro), já mencionado nos Poemas Homéricos (*Il.* 16. 234, *Od.* 14. 327-330), o de Zeus Ámon, situado num oásis do deserto da Líbia (cf. Pind. *Pyth.* 4. 16, fr. 36 Ma.), e o de Apolo na cidade de Dídime, perto de Mileto, na Ásia Menor.

² Sobre as viagens de exploração geográfica, os relatos dos pioneiros neste domínio e a descrição do mundo conhecido, vide Pédech 1976, André et Baslez 1993: 317-372, Pérez Jiménez y Cruz Andreotti 1997, Gómez Espelosín 2000, Rubio Tovar et alii 2008.

³ O irmão de Safo dedicava-se ao transporte de vinho entre Lesbos e Náucratis (cf. Sapph. fr. 5, 202 L-P; *P. Oxy.* 1800 fr. 1 = Sapph. test. 1; Athen. 13. 596c-d = test. 15) e eram estas viagens comerciais que permitiam a circulação de pessoas entre as diversas regiões do Mediterrâneo.

⁴ Nas citações desta obra, transcrevemos a tradução de D. F. Leão (1999). Uma lista de poetas e sábios gregos que visitaram o Egipto foi registada por Diodoro Sículo (1. 96. 2-3). Cf. Marasco 1978: 45-69, André et Baslez 1993: 283-285, Rodrigues 2004: 483, esp. As viagens de Sólon, em particular as que terá realizado após a proclamação do seu código de leis (cf. Plu. *Sol.* 25. 6, 26) e o lendário encontro com Creso da Lídia (Hdt. 1. 29-33, Plu. *Sol.* 27-28) constituíam um tema bastante popular. Por outro lado, a realização de muitas viagens é um *topos* nas tradições helenísticas sobre a formação do legislador, como demonstra A. Szegedy-Maszak, “Legends of the Greek Lawgivers”, *GRBS* 19 (1978) 199-209, esp. 202. Sobre as viagens de Sólon, vide Hans-Dieter Reeker, “Solons Reisen”, *Antike und Abendland* 17 (1971) 96-104; A. J. Podlecki, “Solon’s Sojourns”, in P. T. Brannan (ed.), *Classica et Iberica. A Festschrift in Honor of the Rev. Joseph M.-F. Marique*, S.J. (Worcester, Mass. 1975) 31-40; M. Manfredini e L. Piccirilli, *Plutarco. La Vita di Solone* (Milano 1977) 117-119; S. Alessandri, “I viaggi di Solone”, *CCC* 10 (1989) 191-224; Leão 2001: 246-250, 275-277 e, sobre o encontro lendário com Creso da Lídia, “Sólon e Cresos: fases da evolução de um paradigma”, *Humanitas* 52 (2000) 27-52.

apenas se aventurara numa travessia marítima até Cálcis (vv. 650-662, cf. supra pp. 27-31).

A violência do mar inspirou um dos *topoi* literários mais perenes. O tema do naufrágio (ou da tempestade), que já aparece nos mais antigos contos egípcios⁵, torna-se frequente na literatura grega desde a *Odisseia*. O *P. Oxy.* 2310, de meados do séc. II d.C., contém fragmentos de um poema de Arquíloco (fr. 1 col. i. 22-39 = fr. 24 W), no qual a *persona loquens* exprime a sua alegria pelo regresso de Gortina de um ente querido, depois de uma atribulada viagem por mar⁶. Remonta ainda a Arquíloco um outro tema que alcançou grande fortuna. Heraclito, autor de uma obra intitulada *Alegorias Homéricas*, que pode ter vivido no séc. I da nossa era, observa que o poeta de Paros compôs sobre as lutas da Trácia como se falasse de uma tempestade no mar e cita três versos que confirmam as suas palavras (fr. 105 W). Heraclito também notou que a chamada ‘Alegoria da nau do Estado’ foi retomada por Alceu em muitas das suas composições (*Allegoriae Homericæ* 5), como atestam os frr. 6, 73, 208 e 305 L-P⁷.

O episódio de Aríon mostra que um outro grande perigo das viagens marítimas era a pirataria que, tal como o saque, foi durante séculos considerada um meio legítimo de subsistência (e.g. *Od.* 3. 71-74, Thuc. 1. 5-8)⁸. No entanto, as deslocações por terra não eram muito mais seguras. Um passo da *Vida de Sólon* de Plutarco testemunha a preocupação do legislador ateniense com este problema (21. 5): ‘Também sobre as deslocações, manifestações de luto e festividades das mulheres estabeleceu uma lei que reprimira a desordem e o excesso: determinou que não saíssem com mais de três vestes, que não levassem comida e bebida de custo superior a um óbolo, nem um cesto de comprimento superior a um côvado, que não viajassem de noite, a não ser transportadas num carro e precedidas por uma luz acesa. (...)’. Se a primeira parte da lei denuncia sobretudo a intenção de controlar os movimentos das mulheres e limitar o tempo em que podiam estar ausentes, as disposições sobre as suas viagens sugerem antes a preocupação com a sua segurança, principalmente se viajassem de noite⁹.

⁵ Segundo observa Rodrigues 2004: 490, o *Conto do Naufrago* remonta ao II^o milénio.

⁶ Recorde-se que as descobertas papirológicas permitiram recuperar fragmentos de um poema no qual Safo comentava o regresso do irmão do Egípto (*P. Oxy.* 7 + 2289.6 = fr. 5 L-P, cf. supra n. 3). Sobre este tipo de composição em que se exprime o desejo de boa viagem (*propemptikon*), vide infra p. 170 e n. 130.

⁷ Para um estudo deste tema, vide F. Rodríguez Adrados, “Origen del tema del nave del Estado en un papiro de Arquíloco”, *Aegyptus* 35 (1955) 206 (= *El mundo de la lírica griega antigua*, Madrid, 1981, 167-171); F. J. Cuartero, “La metáfora de la nave, de Arquíloco a Esquilo”, *BIEH* 2.2 (1968) 41-45.

⁸ Sobre a pirataria no mundo antigo, vide H. A. Ormerod, *Piracy in the Ancient World* (Liverpool 1978), Philip de Souza, *Piracy in the Graeco-Roman World* (Cambridge 1999).

⁹ Sobre as disposições de Sólon acerca das mulheres, vide D. F. Leão, “Legislação relativa às mulheres na *Vita Solonis* de Plutarco”, in J. R. Ferreira (coord.), *Plutarco Educador da Europa*.

Na tragédia *Rei Édipo* de Sófocles, Jocasta observa que a morte de Laio era atribuída a ladrões que teriam atacado o monarca num entroncamento de três caminhos¹⁰. Mais tarde, Édipo revelará à rainha um encontro infeliz que tivera no passado, mas alimentando a esperança de não existir qualquer relação entre os dois acontecimentos. Tal encontro tivera um desfecho fatal, porque o condutor do carro e o seu acompanhante insistiram em afastar do caminho, por certo estreito, um peregrino, Édipo, que tardou em dar passagem (vv. 800-812). Além do significado literário e da sua importância na estrutura da tragédia, estes dois passos testemunham uma realidade que provavelmente não deveria parecer estranha aos Atenienses que no último quartel do séc. V assistiam pela primeira vez à sua representação¹¹.

Assim, além dos riscos de assaltos, uma viagem implicava quase sempre um grande esforço, pois a manutenção das estradas não despertava grande interesse por razões de natureza geográfica, política e económica. Os numerosos sistemas montanhosos que dominam a paisagem grega, fruto da intensa actividade tectónica, o solo rochoso e acidentado, bem como os declives acentuados das vertentes, dificultavam a abertura de vias e constituíam um dos maiores obstáculos à circulação por terra¹². O passo de Heródoto sobre o envio de forças lacedemónias a Maratona indicia que eram necessários pelo menos dois dias para se percorrer a distância entre Esparta e Atenas (6. 120). Mesmo na época de Xenofonte era difícil viajar de Atenas até Olímpia (cf. *Mem.* 3. 13. 5). Por outro lado, a organização política da Grécia em pequenos estados independentes, cuja autoridade terminava, muitas vezes, nos limites das muralhas, não era favorável a uma política de desenvolvimento e manutenção das vias de comunicação, ao contrário do que acontecia no Império persa e se viria a verificar mais tarde no Império romano. As viagens a pé seriam, por isso, frequentes e bastante difíceis, sobretudo se era necessário transportar bagagens. O recurso a um escravo, quando não era possível utilizar um carro ou um animal de carga, seria uma situação vulgar (cf. *Xen. Mem.* 3. 13. 6), já que aparece retratada com alguma frequência na comédia aristofânica¹³.

Actas (Porto-Coimbra 2002) 81-91.

¹⁰ Cf. vv. 715-716. A expressão ἐν τριπλαῖς ἀμαξιτοῖς designa um entroncamento de vias carroçáveis.

¹¹ Para a datação da tragédia, que terá ocorrido entre 427 e 425, vide as considerações de Maria do Céu Fialho, in Rocha Pereira et alii 2003: 171.

¹² Sobre os condicionamentos de natureza climática e geológica, vide Susan E. Alcock, "Environment", in Paul Cartledge (ed.), *The Cambridge Illustrated History of Ancient Greece* (Cambridge 1998) 13-34; A. Andrewes, *The Greeks* (London 1967) 1-13; N. G. L. Hammond, *A History of Greece to 322 B.C.* (Oxford 31991) 1-18; Osborne 1996: 53-55, 58-60.

¹³ O aproveitamento cómico desta realidade é analisado por M. F. Silva, "Execução dramática do tema 'viagem' na comédia de Aristófanes", *Máthesis* 5 (1996) 105-121.

As condições de mobilidade não terão melhorado substancialmente dado que, vários séculos após a representação de *Rei Édipo*, Pausânias repara na antiguidade da rede rodoviária do seu tempo e nas limitadas capacidades de utilização por veículos¹⁴. Não será por acaso que um dos *topoi* da tradição pseudo-biográfica tenha sido inspirado pelos riscos e dificuldades das deslocações. Nestes relatos raras vezes o poeta cumpre a sua existência alheio aos perigos que espreitam quem viaja. Aríon foi vítima de piratas, mas salvou-se. Íbico foi assassinado por salteadores num lugar isolado, de acordo com uma tradição célebre, citada por Antípatro de Sídon (*AP* 7. 745 = epigr. XIX Gow-Page, test. 5) e na *Suda* (s.v. Ἴβυκος = test. 1). Himério também conta que uma vez o poeta escorregou do carro em que seguia, de Cátana até Hímera, e magoou de tal maneira a mão que teve de deixar de compor durante algum tempo, pelo que dedicou a sua lira a Apolo (*Or.* 69. 35 = *Byc.* fr. 343 *PMG*).

Não obstante o elevado grau de fantasia destes relatos, eles remetem para problemas reais, dos quais nos chegaram outros testemunhos mais credíveis¹⁵. Quando discutimos a mobilidade dos rapsodos, citámos o testemunho de Diodoro Sículo sobre os artistas que o tirano de Siracusa enviou a Olímpia no ano de 388 e viriam a perder a vida num naufrágio (14. 109. 1-6, vide supra, pp. 54-55). Um desastre semelhante ficara na memória dos povos da Sicília. Na descrição das estátuas consagradas ao santuário de Zeus em Olímpia, Pausânias informa que os cidadãos de Messana (actual Messina, cf. infra p. 253) cumpriam o costume antigo de enviar a Régio um coro de trinta e cinco rapazes, o seu mestre e um auleta, a fim de participarem num festival local. Um dia, a embarcação que os transportava foi apanhada por uma tempestade no Estreito, naufragou e levou à morte todos os seus tripulantes. Profundamente amargurados, os cidadãos de Messana consagraram ao santuário de Olímpia estátuas em bronze de todos os náufragos. Este desastre terá ocorrido na segunda metade do séc. V, pois Pausânias explicita que a inscrição foi composta pelo filósofo Hípias e o autor das estátuas foi Cálon de Élis (5. 25. 2-4)¹⁶.

Franco Mosino observou que esta notícia atesta a pervivência da tradição lírica coral nas cidades do Estreito, muito depois do tempo de Estesícoro e de

¹⁴ Cf. Paus. 1. 44. 6, 2. 11. 3, 2. 15. 2, 10. 5. 5, 10. 32. 8. Para um estudo das vias de comunicação e condições de mobilidade no mundo grego, vide Rougé 1975, Marasco 1978: 15-41; W. Kendrick Pritchett, "Ancient Greek Roads", in *Studies in Ancient Greek Topography*. Part III: Roads (Berkeley 1980) 143-196; André et Baslez 1993: 373-448, 483-540; Casson 1994: 65-94, Gómez Espelósín 2000: 23-35, Araújo e Rodrigues 2006.

¹⁵ Nestes testemunhos se incluem as numerosas inscrições fúnebres sobre vítimas de naufrágios, ainda que nem todas sejam autênticas. Cf. o nosso comentário aos epigr. LXXXIV e LXXXV, integrados no *corpus* de Simónides, infra, pp. 121-122.

¹⁶ Cf. Vallet 1958: 306-307. Sobre Cálon de Élis, cf. Paus. 5. 27. 8.

Íbico. Notou também que, embora o número de trinta e cinco coreutas seja invulgar¹⁷, o διδάσκαλος que os acompanhava não seria apenas mestre do coro, mas também poeta, portanto um epígono dos dois famosos líricos¹⁸. Estas observações remetem-nos para um outro assunto: **as condições de produção e de execução coral**.

Na Época Arcaica o poeta lírico era responsável pela composição e execução da sua obra. Quando a interpretação estava a cargo de um coro, tinha a tarefa acrescida de lhe ensinar a letra e a música, bem como a coreografia. Desde os primórdios que assim era, como se depreende do testemunho de Pausânias acerca do *prosodion* de Eumelo de Corinto, mas não dispomos de muitos dados sobre esta matéria, além dos que podemos recolher nos textos dos próprios poetas e de alguns testemunhos de épocas posteriores.

No ‘Grande Partenéion’ de Álcman, o coro actua sob a direcção de uma chefe, evocada como χοραγός (v. 44) ou χοροστάτις (v. 84), mas não alude, pelo menos na parte conservada, ao papel do poeta. Com ele parece identificar-se, todavia, a *persona loquens* do fr. 26 P, que se lamenta de já não conseguir acompanhar (na dança?) as donzelas de voz melodiosa. O relevo é dado à actuação do coro, à sensualidade do canto e graciosidade da dança (cf. frr. 27, 28 P). O fr. 39 P, porém, não deixa dúvidas quanto à identificação de Álcman com o inventor da melodia inspirada pelo canto da perdiz (cf. fr. 40 P). Ocorrem ainda no seu *corpus* breves referências ao acompanhamento musical ao som do *aulos* (ὑπαυλέω, cf. frr. 37, 87 (b) P), que não seria único, dado que no fr. 38 P as donzelas elogiam o executante da cítara (cf. frr. 41, 101 P), possivelmente o próprio poeta.

Nos versos de Anacreonte o sujeito poético é também o executante a solo de um instrumento de cordas, que pode chamar-se *pektis* (frr. 373. 3, 386 PMG) ou *magadis* (fr. 374 PMG)¹⁹. O fr. 375 PMG sugere que o som do ‘meio-*aulos*’ (ἡπίοπος αὐλός), com três furos em vez de seis, seria particularmente adequado ao acompanhamento de uma dança.

¹⁷ O número de elementos de um coro parece ter sido variável, mas não existem muitos dados. Os versos e escólios do ‘Grande Partenéion’ de Álcman indicam que foi executado por dez ou onze donzelas (cf. fr. 1. 98-99 P) e os coros ditirâmbicos tinham cinquenta membros. Heródoto menciona que no início do séc. V os cidadãos de Quios enviaram a Delfos um coro de cem jovens (6. 27. 2). Macan 1973 [1895]: I 289 notou que seria provavelmente um coro duplo ou dois coros, que os cidadãos teriam enviado para executar ditirambos em honra de Diónisos.

¹⁸ Franco Mosino, “Lirica corale a Reggio: una notizia trascurata”, *QUCC* 26 (1977) 117-119.

¹⁹ Sobre a πηκτίς, cf. Sapph. fr. 22. 11, 156 L-P, Pind. fr. 125. 3 Ma. Ateneu, que transmite o fragmento de Píndaro, indica que este instrumento era de origem lídia (14. 635b). A μάγαδις é referida por Álcman no fr. 101 P. Em Athen. 14. 634f designa um instrumento de sopro. Cf. West 1992b: 71-75.

Em princípio, o péan era entoado ao som do *aulos*²⁰, bem como o ditirambo²¹, mas é possível que a combinação deste som com o de um instrumento de cordas tenha sido privilegiada na execução coral. Supomos que o poeta tocava a cítara e se fazia acompanhar de um auleta (cf. supra Paus. 5. 25. 2). A mistura do som do *aulos* com o da cítara e das castanholas (κρόταλα) é mencionada nos vv. 24-25 do fr. 44 L-P de Safo, que pode ter integrado uma composição na qual a poetisa de Lesbos evocou o casamento de Heitor e de Andrómaca. No *P. Oxy.* 2735, fr. 1. 5 (= 166 *SLG*, 282A Campbell), atribuído a Íbico, lê-se ‘cantava(m) acompanhado(s) pelo auleta’ (ὕπ’ ἀ]ὐλητῆρος ἀείδο[ν]), mas não é seguro que se trate de uma indicação sobre as circunstâncias de execução do poema, que para alguns estudiosos seria um epinício, como dissemos (cf. supra, p. 91 n. 75). A combinação dos sons do *aulos* e de um instrumento de cordas é atestada pelas odes de Píndaro, que refere, além dos *auloi*, a lira, a cítara e a *phorminx* (possivelmente em sentido figurado)²².

Estes exemplos sugerem que os poetas por norma mencionavam nas suas obras os instrumentos musicais e até os executantes, mas parece que se abstinham de comentar a preparação do coro, de que em princípio se ocupavam. Um papiro do séc. I ou II da nossa era transmitiu-nos um comentário sobre a vida de Álcman, no qual se lê que, apesar da origem lídia do poeta, os Espartanos confiaram-lhe a preparação coral das suas donzelas e dos seus efebos²³. Como vimos já, a *Suda* atribui a Aríon a primeira organização de um coro ditirâmico (s.v. Ἀρίων = test. 1) e associa o nome de Estesícoro à actividade coral (s.v. Στησίχορος = test. 1). São também tardias as fontes que atribuem a Simónides (vide infra, pp. 126 sqq.) e a Píndaro o ofício de χοροδιδάσκαλος. Segundo informa Eustátio, o poeta de Tebas teve como mestre, além de Laso de Hermíone, um tal Apolodoro que em Atenas tinha a seu cargo o treino dos coros circulares (do ditirambo). Quando se ausentava da cidade, confiava essa ‘instrução’ (διδασκαλία) a Píndaro, que era ainda rapaz e se saía tão bem na tarefa que logo alcançou grande fama²⁴.

Supondo que estas notícias têm um fundo de verdade, o poeta tinha a seu cargo uma tarefa exigente. Se a prática de anotar a música não é anterior à segunda metade ou final do séc. V, como se pensa, os coreutas aprendiam de cor não só a letra, mas também a melodia²⁵. Este tipo de aprendizagem,

²⁰ Cf. Archil. fr. 121 W; Pind. fr. 52c. 94, 52g. 11 Ma.

²¹ Cf. Pind. fr. 75. 18 Ma., Bacch. *Dith.* 23.

²² Vide as referências em Rocha Pereira 2006: 196-197 n. 12.

²³ *P. Oxy.* 2506, fr. 1 col. ii = Alcman. test. 9. Para uma análise deste testemunho, vide Herington 1985: 24.

²⁴ Eust. *prooem. Pind.* 27, III. 299-300 Dr., citado por Campbell 1991: 294-295.

²⁵ Segundo escreve West 1992b: 254, em meados do séc. III, pelo menos, estava em uso um sistema de notação musical entre profissionais, sobre o qual o nosso melhor informador é o tratadista Alípio. No entanto, as pinturas de vasos, em especial um *krater* de volutas do Pintor

pelo menos no tempo de Sócrates, era treinado desde a instrução básica, como testemunha o *Protágoras* de Platão (326a-b): as crianças começavam por decorar as obras dos grandes poetas e aprendiam depois o acompanhamento musical.

A organização dos coros das Grandes Dionísias era um reflexo do sistema democrático e obedecia a regras estabelecidas pela pólis. Cada uma das dez tribos de Atenas fornecia cinquenta homens e cinquenta rapazes para os coros ditirâmbicos (cf. Simon. epigr. XXVIII. 4, infra p. 131). Doze eram os coreutas das tragédias (mais tarde quinze) e vinte e quatro os das comédias. A organização do festival envolvia, portanto, um grande número de participantes. Compreende-se que as despesas da sua preparação fossem custeadas por um cidadão muito rico, o *choregos* (cf. infra, p. 132 n. 35).

Não dispomos deste tipo de dados sobre a preparação e funcionamento dos coros líricos na Época Arcaica. Píndaro alude com frequência aos custos e à generosidade dos seus patronos, e alguns estudiosos relacionam este *topos* com as condições de produção da lírica coral mais tardia²⁶. Se, por um lado, a execução de um poema por um coro treinado implicava maiores custos do que a apresentação a solo num banquete, por outro, a partir da segunda metade do séc. VI, a lírica coral deixa de existir apenas no âmbito dos festivais religiosos e passa a ser promovida também por patronos ricos. A introdução de um modelo económico nas relações entre poeta e patrono é atribuída pela tradição a Simónides e é possível, como supõem alguns helenistas, que tenha sido ditada pelas despesas que exigia uma produção sofisticada, designadamente de um epinício, que deviam agora ser custeadas pelo cidadão abastado que a requisitava a título particular (vide infra, p. 175).

Um dos aspectos mais interessantes da obra de Píndaro e de Baquírides é o seu carácter pan-helénico. O *corpus* de Píndaro, muito mais extenso, mostra que celebrou atletas de Tebas, da Grécia Continental, das ilhas de Egina, Rodes e Ténedos, de Cirene e da Magna Grécia²⁷. Os fragmentos atestam que compôs peanes, ditirambos e *partheneia* a pedido dos seus concidadãos, mas foi também requisitado por muitas outras cidades gregas. Em 476, com cerca de quarenta e dois anos, Píndaro tem plena consciência da sua condição de poeta pan-helénico, quando afirma na ode dedicada a Hierão de Siracusa:

de Sísifo (Munike, Staatliche Antikensammlungen F 3268, c. 425-400), indiciam que já no séc. V havia uma forma, ainda que incipiente, de anotar a melodia. Cf. Gentili e Pretagostini 1988: viii, Rocha Pereira 2006: 647-650, que reproduz o referido *krater* nas pp. 639 e 648.

²⁶ E.g. *Ol.* 5. 15, *Pyth.* 5. 106-107, *Isth.* 1. 42, 5. 57, 6. 10. Para uma análise desta questão, vide o estudo de Kurke 1991 e Carey 2007.

²⁷ Alguns destes atletas pertenciam a famílias que se notabilizaram pelos muitos triunfos conquistados nos Jogos, como Diágoras de Rodes (*Ol.* 7), Xenofonte de Corinto (*Ol.* 13, cf. infra, p. 155) e Alcímidas de Egina (*Nem.* 6).

‘A ti te seja dado passar o tempo a trilhar as alturas,/ e a mim juntar-me aos vencedores,/ espalhando a minha arte por toda a Grécia.’²⁸

Embora nem todas as suas odes possam ser datadas, e o *corpus* não esteja completo, depreende-se que em certas épocas estaria bastante ocupado. No referido ano de 476, por exemplo, compôs a *Iª Olímpica* para Hierão, que venceu a corrida de cavalos, bem como a *IIª* e a *IIIª Olímpicas* para Téron de Agrigento, pelo triunfo na corrida de quadrigas de cavalos. Foi também convidado a celebrar a vitória de Hagesidamo da Lócrida Ocidental na prova de boxe para *paides*, mas nos versos iniciais da ode, a *Xª Olímpica*, o poeta confessa que se havia esquecido do contrato. A *XIª Olímpica* celebra o mesmo triunfo e é plausível a hipótese de A. Boeckh de que esta ode, de vinte versos apenas, teria sido cantada no lugar dos Jogos, ficando prometida uma composição mais elaborada para mais tarde (apud Race 1997a: 174; cf. Willcock 1995: 55). Nos vv. 99-102 da *Xª Olímpica*, em princípio posterior, o poeta recorda que viu o atleta vencer em Olímpia. A linguagem dos epínícios é muitas vezes convencional ou figurada, mas neste caso a afirmação parece verosímil, porque neste festival competiram os patronos mais importantes e é natural que o poeta se encontrasse entre os espectadores.

Também na *Iª Ístmica*, que não podemos datar, na qual celebra um concidadão que triunfara na corrida de carros, Píndaro revela nos versos de abertura que privilegiou este trabalho em prejuízo do pouco tempo que tinha para compor o péan encomendado pelos cidadãos de Ceos, a fim de ser executado em Delos (o *IVº Péan* = fr. 52d Ma.), em princípio porque os atletas tebanos haviam conquistado seis coroas nos Jogos Ístmicos (cf. vv. 10-11).

Baquílides não alcançou a reputação de Píndaro, mas os catorze epínícios que se preservam indicam que celebrou atletas de Ceos (1, 2, 6, 7 e 8), Egina (12, 13), Atenas (10), Fliunte (9), Tessália (14) e Magna Grécia (3, 4, 5 e 11). O restante *corpus* atesta contactos com diversas cidades: o *Dith.* 16 foi executado em Delfos, o *Dith.* 17 em Delos por concidadãos, os *Dith.* 18 e 19 foram encomendados por Atenienses e o *Dith.* 20 foi composto para Espartanos. Finalmente, o fr. 4 Ma. pertence a um péan destinado ao santuário de Apolo em Ásine, situada a sudeste de Argos. O patrono mais ilustre do poeta foi Hierão, para quem compôs as odes 3, 4 e 5, e um encómio (fr. 20C Ma.).

No último dia dos Jogos realizava-se a festa de consagração do vencedor e os cânticos eram entoados durante o banquete festivo, à noite (cf. Pind. *Ol.* 10. 73-77). A colecção de epínícios de Píndaro e de Baquilídes mostra que era muito variável o número de versos. Podiam ser organizados em tríades ou repetir a mesma estrofe (monostróficos), como o *IVº Epínício* de Baquilídes,

²⁸ *Ol.* 1. 115-116, tradução de M. H. Rocha Pereira (2009: 185). Para um estudo da noção de pan-helenismo em Píndaro, vide Ferreira 1992: 314-328.

I.1. REFLEXÕES SOBRE A CONDIÇÃO HUMANA

A condição humana é uma temática constante na literatura e uma das mais importantes para os poetas gregos da Época Arcaica. Uma parte significativa do *corpus* de Simónides confirma este apreço e o presente capítulo reúne os fragmentos em que este tema surge em evidência. Na organização deste comentário tomámos como linha orientadora a ordenação estabelecida nas edições de Page 1962 e Campbell 1991 (fragmentos líricos) e de West 1992a (fragmentos elegíacos), nas quais se baseia o texto grego. Foi principalmente destas obras que recolhemos os dados do aparato crítico que, embora não sendo exaustivo, nos permite assinalar os passos mais duvidosos, mostrar a diversidade de leituras e esclarecer a nossa interpretação.

Fr. 520 [15 P, 39 B, 9 D] Plu. *cons. Apoll.* 11. 107a-b

... τὴν παρ' ἐνίοις κρατοῦσαν δόξαν ὡς ἄρα κρεῖττόν ἐστι τὸ τεθνάναι τοῦ ζῆν. ὁ γοῦν Σιμωνίδης, ἀνθρώπων, φησὶν, ὀλίγον...

ἀνθρώπων ὀλίγον μὲν
κάρτος, ἄπρακτοι δὲ μεληδόνες,
αἰῶνι δὲ παύρῳ πόνος ἀμφὶ πόνῳ·
ὁ δ' ἄφυκτος ὁμῶς ἐπικρέμαται θάνατος·
κείνου γὰρ ἴσον λάχον μέρος οἱ τ' ἀγαθοὶ
ὅστις τε κακός.

1-3 'divisio incerta' scripsit Page 3 δ' ἐν Pflugk (et Schneidewin): δὲ codd.

... a opinião dominante em alguns é que é melhor estar morto do que viver. Simónides, por exemplo, diz:

Dos homens pequena
é a força, vãs as preocupações,
na sua breve vida, penas sobre penas;
e, inevitável, do mesmo modo sobre todos impende a morte;
pois dela igual parte cabe em sorte aos bons
e a quem é mau.

São diversas as motivações que levam um autor a inserir na sua obra um excerto de um poeta antigo. Muitas vezes, como é o caso, pretende-se conferir credibilidade a um determinado juízo. No entanto, o sentido geral do fragmento não sustenta que para Simónides era 'melhor estar morto do que viver'. Compreende-se, todavia, esta interpretação, dado o tom pessimista destes versos.

Num primeiro momento, deparamo-nos com uma reflexão sobre a vida humana. Todo o peso da oração recai no substantivo, sem artigo, ἀνθρώπων, a ocupar uma posição privilegiada em início de verso. A ideia de que a debilidade, física (ὀλίγον... κάρτος) e psicológica (ἄπρακτοι δὲ μεληδόνες), é o único apanágio da raça humana culmina no pessimismo do melodioso v. 3: a vida é breve, mas plena de sofrimento. O estilo é sóbrio e conciso, sem abundância de adjectivos, marcado pela frase nominal e pela parataxe. No plano fónico, há uma insistência nos sons fechados e nas nasais, em particular no v. 3, no qual sobressai a aliteração em labial. Em nosso entender, esta elaboração formal confere ao fragmento um tom de solenidade apropriado à mensagem.

A reflexão sobre a morte ocupa o segundo momento do fragmento (vv. 4-6). A nossa atenção detém-se primeiro no adjectivo ἄφυκτος que, formado a partir de φεύγω, significa à letra ‘do qual não se pode fugir’¹. A morte é, portanto, entendida como uma presença constante e negativa para a Humanidade. Na última oração, de teor conclusivo (γάρ), emerge o aspecto mais pessimista desta concepção: a morte não opera escolhas, não olha ao carácter das pessoas, não tem sentido de justiça... é de supor.

Do ponto de vista formal, esta ideia é sublinhada por ὁμως e ἴσον... μέρος. Se na morte não há lugar para diferenças entre os homens, o poeta distingue na raça humana ἀγαθοί e κακοί, o que não quer dizer que empregue estas palavras pelo seu valor ético². As duas formas verbais (ἐπικρέματα, λάχον³) de todo o fragmento dizem respeito à morte, concebida como uma ameaça iminente e inexorável. Por mais negativa que seja esta visão da condição humana, será legítimo considerarmos que no pensamento de Simónides ‘é melhor estar morto do que viver’?

A noção de que a humanidade está sujeita ao sofrimento, a uma vida breve e à inevitabilidade da morte é um *topos* familiar à cultura e literatura gregas, que outros líricos cultivaram⁴. Por conseguinte, este fragmento, que

¹ Poltera 1997: 84 salienta que a aplicação de ἄφυκτος a θάνατος apenas se encontra atestada neste passo.

² Na opinião de Babut 1975: 23-24, o poeta dá aos adjectivos ἀγαθός e κακός um significado tradicional, sem nenhum valor propriamente moral, enquanto a ideia do carácter inexorável da morte, do nivelamento que ela impõe a todos os destinos humanos, é um dos temas correntes da épica e da lírica antigas, que se exprime, por exemplo, nas palavras que Heitor dirige a Andrómaca em *Il.* 6. 488-489: ‘... digo-te não existir homem algum que à morte tenha fugido,/ nem o cobarde, nem o valente, uma vez que tenha nascido.’ (trad. Lourenço 2005: 146). Por seu lado, Campbell 1982: 382 evoca como paralelo dos vv. 4-5 as palavras de Aquiles em *Il.* 9. 319-320: ‘Na mesma honra são tidos o cobarde e o valente:/ a morte chega a quem nada faz e a quem muito alcança.’ (trad. Lourenço 2005: 189). Registe-se que West, entre outros editores, considera o v. 320 espúrio, mas não é este o parecer de H. van Thiel.

³ O emprego metafórico de ἐπικρεμάννυμι estava já na tradição literária (cf. Mimn. fr. 5. 3 W, Thgn. 206). O aoristo gnómico (λάχον) é apropriado ao momento da reflexão final do poeta.

⁴ Nas palavras de Bowra 1961: 324, “Simonides saw death and disaster in a typically Greek

alguns editores modernos inserem entre os *Trenos*⁵, podia ter pertencido a um epinício, do qual raramente estão ausentes as reflexões sobre a condição humana (e.g. Pind. *Pyth.* 3. 80 sqq., 8. 95-97)⁶. Lobel 1981: 21 demonstrou a coincidência de algumas letras entre o fr. 520 e o fr. 14 do *P. Oxy.* 2623 (= 332 *SLG*, 519A Campbell). Se, por um lado, esta descoberta reforçou a atribuição do papiro a Simónides, por outro, o facto de conter partes de epinícios (cf. frs. 21 e 22) corrobora a hipótese de o fr. 520 pertencer também a este género de composição. Note-se, porém, que a linguagem evidencia formas épicas (κάρτος, λάχον), mas não marcas do dialecto dórico, característico da lírica coral⁷.

Fr. 521 [16 P, 32 B, 6 D] Stob. 4. 41. 9

Σιμωνίδου θρήνων·

ἄνθρωπος ἐὼν μή ποτε φάσης ὅ τι γίνεται αὔριον,
μηδ' ἄνδρα ἰδὼν ὄλβιον ὅσσον χρόνον ἔσσειται·
ὠκεῖα γὰρ οὐδὲ ταυπτερύγου μυίας
οὕτως ἅ μεταστάσις.

1 φάσης Bergk: φήσης, φήση, φής, φῆς, εἴπης codd. αὔριον om. Stob. 9 2 ὄλβιον om. Stob. 9

Dos *Trenos* de Simónides:

Homem que és, nunca digas o que acontece amanhã,
nem, se vires um homem afortunado, por quanto tempo o será;
pois nem tão rápido é o volver da mosca de longas asas
como o da fortuna.

Mais uma vez, a primeira palavra do fragmento estabelece o tema central da reflexão sobre a condição humana, mas se no fr. 520 o poeta se detém no *topos* da brevidade e dureza da vida, neste sublinha principalmente que

spirit.” (cf. p. 326). Sobre o tema da fragilidade humana na poesia grega arcaica, vide M. H. Rocha Pereira, “Fragilidad y poder del hombre en la poesía griega arcaica”, *Est. Clás.* 10 (1966) 301-318; Campbell 1983: 202-251.

⁵ As hipóteses propostas por F. W. Schneidewin – que o fragmento fazia parte de um treno e não constituía o seu início – continuam a ter aceitação entre os estudiosos, e.g. Gerber 1970: 312 (*‘presumably’*). Na opinião de Campbell 1982: 382, os versos pertencem certamente a um treno, notando que o poeta escreve com o pessimismo de Simónides (cf. fr. 3 W) ou de Mimnermo (fr. 5. 3 W).

⁶ Sobre este aspecto, cf. Rutherford 1990: 202 e A. Pardini, “P. Oxy. 2623 fr. 14 e Simon. PMG 520: alcune osservazioni”, *ZPE* 95 (1993) 23-27, esp. 27.

⁷ A análise métrica não reúne consenso. Note-se que não há certezas quanto à colometria dos vv. 1-3, cuja citação não se destaca do texto de Plutarco. Sobre esta questão, vide as propostas de Perrotta 1952: 254-256, Gerber 1970: 312, Campbell 1982: 382 (que observa que o metro é difícil de classificar), Poltera 1997: 150-151 e o artigo de Pardini citado na nota anterior.

ela está sujeita à mudança imprevisível⁸ e, deste modo, qualquer estado de felicidade não chega a ser muito mais do que um momento de ilusão. O tom pessimista destes versos, citados por Estobeu no âmbito das suas reflexões sobre a instabilidade da prosperidade humana⁹, é ainda mais sombrio que o do fragmento anterior. Para isso contribui certamente o carácter sentencioso instaurado pela oração μή ποτε φάσης..., que se subentende no v. 2, e o predomínio das formas de negação (μή ποτε, μηδέ, οὐδέ). Do ponto de vista formal, é evidente o contraste entre a acumulação verbal dos vv. 1-2 (ἔών, φάσης, γίνεται, ἰδών, ἔσσειται), momento da apresentação do tema e das advertências, e a sua ausência dos vv. 3-4. É nestes versos que se concretiza a reflexão final do poeta, introduzida, como no fr. 520 (v. 5), por γάρ, através de uma comparação singular entre uma realidade visível e familiar (a rapidez do volver da mosca de asas largas) e um conceito abstracto e elevado (a ‘mudança de fortuna’)¹⁰.

Este excerto exemplifica na perfeição o estilo conciso do poeta e o cuidado extremo com que construía os seus versos, pois as palavras mais importantes depois de ἄνθρωπος ocupam também lugares de destaque, no início (ὠκεῖα e οὕτως) e em fim de verso (ἄ μετάστασις)¹¹. A linguagem evidencia elementos do dialecto iónico, eólico e dórico.

O facto de Estobeu citar estes versos como pertencentes aos ‘*Trenos* de Simónides’ pode apenas significar que foi sob esta forma que chegaram ao seu conhecimento, pois o *topos* da instabilidade da fortuna humana também ocorre nos cantos de vitória¹². Como observa Perrotta 1952: 259, a desgraça inesperada e a morte de quem é considerado afortunado e poderoso dá uma

⁸ A noção de que o amanhã (αὔριον) é incognoscível pode ter sido desenvolvida num outro poema. Segundo o testemunho do retórico Menandro (π. ἐπιδεικτικῶν 1. 2 = fr. 615, 110 P, 210B B), Simónides ‘chamou Amanhã a uma divindade’ (<τῆν> Αὔριον δαίμονα κέκληκε). Sobre o significado dos termos αὔριον e ἄλβιος no fr. 521, cf. as considerações de Perrotta 1952: 256-259. Ainda sobre ἄλβιος, vide C. De Heer, ΜΑΚΑΡ-ΕΥΔΑΙΜΩΝ-ΟΛΒΙΟΣ-ΕΥΤΥΧΗΣ. *A study of the semantic field denoting happiness in ancient Greek to the end of the 5th century B.C.* (Amsterdam 1969) 34.

⁹ Os problemas de crítica textual devidos à transmissão do fragmento são analisados por Perrotta 1952: 256-262. A ordem das palavras do v. 3 é confirmada por um escólio (ad Hom. II. 7. 76) citado no *P. Oxy.* 1087, col. i 30, viii 102-103.

¹⁰ Formada a partir de μεθίστημι, ‘mudar de lugar’, a palavra μετάστασις significa ‘mudança de direcção’ (*change of position*, *LSJ*, Suppl.) e diz respeito quer ao voo da mosca quer às contingências de uma vida próspera. O adjectivo ταχυπτέρυξ ocorre na *Ilíada* (12. 237, 19. 350) e ταχυπτέρυγος em Álcman (fr. 89. 6 P), como epítetos de aves. A originalidade do fragmento de Simónides reside na sua aplicação a um ser tão ínfimo como é a mosca (cf. Egoscózábal 2000: 16-17).

¹¹ Cf. o comentário de Perrotta 1952: 262 à ordem das palavras ὠκεῖα e οὕτως.

¹² Cf. e.g. Pind. *Ol.* 5. 23-24, 7. 94-95, *Pyth.* 8. 88-94, *Isth.* 5. 12-16. Confirmam a permanência deste *topos* na literatura grega, por exemplo, o encontro fictício entre Sólon e Cresos, relatado por Heródoto e Plutarco (cf. supra, p. 99 n. 4), e as palavras finais do *Rei Édipo* de Sófocles.

ideia mais viva da caducidade humana. Se Simónides tratou o desastre dos Escópadas num treno, como diz a tradição, ou num outro poema, o tema da mudança repentina da fortuna não podia ser mais adequado¹³.

Fr. 522 [17 P, 38 B, 8 D] Stob. 4. 51. 5

Σιμωνίδου·

πάντα γὰρ μίαν ἰκνεῖται δασπλήτα Χάρυβδι,
αἰ μεγάλαι τ' ἄρεται καὶ ὁ πλοῦτος.

De Simónides:

Pois tudo chega a uma única horrível Caríbdis,
as grandes qualidades e a riqueza.

A propósito da inevitabilidade da morte, Estobeu transmitiu-nos esta reflexão de Simónides, cuja proveniência não indica. A ideia é a mesma da dos vv. 4-5 do fr. 520: um único destino horrível e temido aguarda tanto as distinções que um homem alcança ao longo da sua vida (αἰ μεγάλαι τ' ἄρεται), como os bens preciosos que consegue acumular (ὁ πλοῦτος)¹⁴. A presença de γὰρ sugere uma construção formal semelhante à dos dois fragmentos anteriores¹⁵. Portanto, Estobeu cita apenas a afirmação conclusiva do poeta. A sua formulação é surpreendente, pela insistência na unicidade (μίαν) e pela criação de um novo epíteto (δασπλής, 'tremendo, horrível, assustador'), muito próximo do que na *Odisseia* (15. 234) designa a deusa Erínia (δασπλήτις Ἐρινύς), aplicado a um monstro que no mesmo poema já possuía aqueles atributos (cf. *Od.* 12. 104 δῖα Χάρυβδις, v. 106 δεινόν; 23. 327 δεινήν τε Χάρυβδι). A referência à ἀρετή e a πλοῦτος é um traço característico das odes de vitória¹⁶, mas os editores incluem este fragmento nos 'trenos', o que é

¹³ Como referimos na segunda parte (pp. 161-162), os vv. 1-2 do presente fragmento são de novo citados por Estobeu em 4. 41. 62 com um comentário de Favorino, que os relaciona com a tragédia dos Escópadas, embora não especifique o subgénero do poema.

¹⁴ Segundo Babut 1975: 24 n. 17, se a ideia de que ninguém entra no Hades com a sua fortuna estava já presente na poesia elegíaca (cf. Sol. fr. 24. 7-10 W = Thgn. 725-728), ao acrescentar αἰ μεγάλαι τ' ἄρεται, no mesmo plano, quando na concepção habitual πλοῦτος acompanha ou é uma consequência da *arete* (*Od.* 19. 109-114; Hes. *Op.* 225-237, 289-292), Simónides sugere o carácter efémero dos valores mais altos da moral tradicional. Note-se que não é unânime a interpretação de αἰ μεγάλαι τ' ἄρεται. Nas palavras de Bowra 1961: 325, o poeta "saw power and wealth suddenly brought to an end...". Já West 1993a: 162 traduziu o verso por 'all great distinction and wealth'. É possível que a intenção do poeta seja realmente ambígua, englobando nesta expressão não apenas o sentido geral de ἀρετή, 'excelência', mas também o que é veiculado habitualmente pelo plural, i.e., 'manifestações da excelência' ('forms of excellence', *LJS*), mais concretamente, 'actos de valor', 'feitos gloriosos' (cf. Hdt. 1. 176. 1, 9. 40). Sobre a concepção de ἀρετή em Simónides, cf. infra fr. 579.

¹⁵ Sobre o metro, vide Gerber 1970: 314.

¹⁶ Píndaro exprime um pensamento semelhante em *Nem.* 7. 17-20.

geralmente aceite, tendo em conta a semelhança de pensamento com os fr. 520 e 521 (cf. Gerber 1970: 314).

A ideia de que a morte é inevitável encontra expressão lapidar no **fr. 524 [19 P, 65 B, 12 D]**, transmitido também por Estobeu (4. 51. 7) e constituído apenas por um verso: ὁ δ' αὖ θάνατος κίχῃ καὶ τὸν φυγόμενον ('mas a morte apanha até mesmo o desertor'). O tom sentencioso do verso é ditado pelo emprego do aoristo gnómico. Em final de verso surge o termo φυγόμενος, apenas atestado em Simónides.

Fr. 523 [18 P, 36 B, 7 D] Stob. 4. 34. 14

Σιμωνίδου θρήνων:

†οὐδὲ γὰρ οἱ πρότερόν ποτ' ἐπέλοντο,
θεῶν δ' ἐξ ἀνάκτων ἐγένονθ' υἷες ἡμίθειοι,
ἄπονον οὐδ' ἄφθιτον οὐδ' ἀκίνδυνον βίον
ἐς γῆρας ἐξίκοντο τελέσαντες.†

Dos *Trenos* de Simónides:

†Pois nem mesmo os que outrora viviam,
de deuses soberanos gerados, filhos semideuses,
à velhice chegaram sem cumprirem uma vida
de penas, sem mortes, sem riscos.†

O texto deste fragmento, citado por Estobeu como tendo pertencido aos '*Trenos* de Simónides', suscita dúvidas aos editores. Do ponto de vista formal e temático, no entanto, são evidentes as semelhanças com os outros fragmentos já comentados, com a diferença de que o poeta não está a falar da raça humana, mas dos semideuses (ἡμίθειοι)¹⁷, provavelmente evocados como exemplo mitológico, a título de comparação com a situação dos homens¹⁸. Assim se explica a presença de γάρ, que nos fragmentos anteriores inicia a sentença final do poeta. Retoma-se, por conseguinte, a ideia-chave do fr. 520 de que a vida é um percurso pleno de sofrimento e de perigos, mas que tem

¹⁷ Cf. *Il.* 12. 23. A designação de ἡμίθειοι é dada por Hesíodo aos heróis da quarta idade (*Op.* 159-160), que haviam combatido em Tebas e em Tróia. Ao contrário de Simónides, que sublinha a amargura da sua existência, o poeta da Beócia centra-se na sua morte (vv. 161, 166) e no destino bem-aventurado que distinguiu alguns deles (vv. 167-168, 170-173). Nota, porém, Barrigón 2000: 2-4 que é evidente a sua influência, pois Simónides emprega o mesmo epíteto quando se refere à limitação da vida dos heróis (cf. fr. eleg. 11. 18). Vide West 1978: 191, que regista as ocorrências mais importantes do termo, e *infra* p. 301 n. 92.

¹⁸ Cf. L. Rossi, "Lamentazioni su pietra e letteratura 'trenodica': motivi topici dei canti funerari", *ZPE* 126 (1999) 29-42, esp. 41, que distingue a intenção de consolar como uma das funções do exemplo mitológico deste fragmento, leitura plausível, mas que não podemos confirmar.

de ser cumprido. Mais uma vez, acumulam-se as formas de negação (οὐδέ, ἄπονον οὐδ' ἄφθιτον οὐδ' ἀκίνδυνον), processo linguístico que permite ao poeta acentuar os aspectos mais sombrios da sua concepção¹⁹.

Fr. 526 [21 P, 61 B, 10 D] Theophilus Antiochenus *ad Autolyicum* 2. 8

οὔτις ἄνευ θεῶν
ἀρετὰν λάβεν, οὐ πόλις, οὐ βροτός.
θεὸς ὁ πάμμητις ἀπή-
μαντον †δ' οὐδέν ἐστιν ἐν αὐτοῖς.†

4 δ' del. Page οὐδέν ἐστιν θνατοῖς coni. Bergk (θνατοῖς iam Schneidewin)

Nunca ninguém sem os deuses
alcançou a excelência, nem uma cidade nem um mortal.
Um deus é omnisciente; sem
dor †nada está ao alcance dos mortais.†

Neste fragmento transmitido por um autor cristão do séc. II d.C., o tema das limitações da vida humana surge articulado com o da supremacia dos deuses, concebidos como entidades benfeitoras. O tom, não sendo de pessimismo, é de resignação. De acordo com a emenda proposta por Bergk, que seguimos na nossa tradução, o homem não tem a capacidade de concretizar os seus objectivos sem auxílio divino. É, de novo, o reconhecimento da fragilidade humana patente nos vv. 1-3 do fr. 520. Formalmente, a expressão é simples, dominada pela negação (οὔτις ἄνευ, οὐ... οὐ... ἀπήμαντον... οὐδέν), pelo assíndeto, pela frase nominal e ausência de artigos. O aoristo gnómico (λάβεν) acentua o tom sentencioso. Os termos principais ocupam lugares de destaque, em fim (θεῶν, βροτός, θνατοῖς) e início de verso (θεὸς ὁ πάμμητις), reforçando a sua oposição. Da sequência πάμμητις ἀπή-/μαντον resulta um jogo fónico, que não é raro nos fragmentos de Simónides. A escolha dos dois adjectivos ilustra uma forma de compor que concilia a linguagem da tradição épica com a renovação contínua, através da criação de novas palavras, numa busca constante pela precisão da escrita poética. O primeiro adjectivo, πάμμητις, ‘que conhece tudo’ (*‘all-knowing, all-planning’*, *LSJ*), tem aqui a sua única ocorrência e na base da sua formação a palavra μήτις. Portanto, na concepção de Simónides, a essência divina, que distingue qualquer deus (note-se a ausência do artigo em θεός e o emprego

¹⁹ Robbins 1997: 248 distingue a forte tendência do poeta para se expressar por meio de afirmações de sentido negativo como um dos traços estilísticos mais notáveis destes fragmentos. Para uma análise bastante pessoal deste tópico, vide Anne Carson, “Simonides Negative”, *Arethusa* 21.2 (1988) 147-157, esp. 151 (comentário ao fr. 521).

no singular), reside na sua sabedoria universal, enquanto a raça humana está condenada à dependência total e à ignorância (cf. Balasch 1967: 52). O segundo adjectivo, ἀπήμαντος, ‘incólume’, ‘são’, ‘ileso’, provém da tradição épica e aplica-se ao que escapa à desventura ou desgraça (πήμα)²⁰. Todavia, este sentido positivo é anulado pela presença de οὐδέν, acentuando o tom fatalista do fragmento.

Esta ideia tradicional da subserviência da raça humana em relação aos deuses ocorre também na segunda citação do mesmo autor.

Fr. 527 [22 P, 62 B, 11 D] Theophilus Antiochenus *ad Autolycum* 2. 37

Καὶ ὅτι μέλλει ἡ τοῦ θεοῦ κρίσις γενέσθαι καὶ τὰ κακὰ τοὺς πονηροὺς αἰφνιδίως καταλαμβάνειν, καὶ τοῦτο... ἐσήμανεν... ὁ Σιμωνίδης·
οὐκ ἔστιν κακὸν
ἀνεπιδόκητον ἀνθρώποις ὀλίγῳ δὲ χρόνῳ
πάντα μεταρρίπτει θεός.

E que certamente o julgamento de Deus há-de chegar e os males se hão-de apoderar de súbito dos miseráveis, isto também (...) demonstrou (...) Simónides:

não existe um mal
inesperado para os homens; em breve tempo
tudo deita a perder um deus.

Este fragmento demonstra bem que a recepção de um autor clássico é claramente influenciada pelos valores predominantes na época que o acolhe, pois no caso presente as palavras de Simónides não significam exactamente o que Teófilo de Antioquia pretendia comprovar. Em primeiro lugar, na sua relação com a divindade, a raça humana é concebida como um todo (ἀνθρώποις), não se estabelecendo qualquer distinção de natureza ética entre ‘homens bons’ e ‘maus’ (cf. fr. 520). Formalmente, ‘homens’ e ‘divindade’ ocupam no fragmento posições simétricas e antitéticas, em fim de oração. Na primeira, de sentido negativo (οὐκ ἔστιν...), a ênfase é posta no adjectivo invulgar ἀνεπιδόκητος, ‘inesperado’, apenas atestado neste passo. Para os homens (não apenas para os ‘miseráveis’), um mal nunca surpreende, porque é uma ameaça permanente, tal como afirmou o poeta no fr. 520 (cf. v. 3 αἰῶνι δὲ παύρῳ πόνοσ ἀμφὶ πόνῳ). No extremo do mesmo verso, já na segunda oração, o tema da mudança repentina da fortuna (cf. fr. 521), é articulado com o do poder (negativo) da divindade. O tempo nunca é favorável aos homens. O verbo μεταρρίπτω, ‘revoltar’ (*‘turn upside down’*, *LSJ*), com um complemento tão

²⁰ Segundo *LSJ*, Suppl., ‘free from harm’ (*Od.* 19. 282), ‘free from sorrow or misery’ (*Hes. Th.* 955, *Pind. Ol.* 8. 87). Este último sentido é o mais adequado ao fragmento de Simónides, que inclui também a noção de ‘esforço, risco pessoal’.

abrangente (πάντα), sublinha bem o tema antigo da prepotência da divindade. Recorde-se que a ideia de que os bens e os males da vida dos homens são fruto da vontade dos deuses surge nas palavras que Aquiles dirige a Príamo, quando o recebe na sua tenda, no último canto da *Iliada* (24. 525-533).

Fr. 541 [36 P] P. Oxy. 2432

τό τε καλὸν κρίνει τό τ' αἰσχρόν· εἰ δέ
 . . . κ]ακαγορεῖ τις ἄθυρον [σ]τόμα
 περι]φέρ[ω]ν, ὁ μὲν καπνὸς ἀτελής, ὁ δέ[
 χρυ]σὸς οὐ μαινέτ[α]ι,
 ἀ δ' ἀλάθε[ι]α παγκρατής· 5
 ἀλλ' ὀλίγοις ἀρετὰν ἔδωκεν ἔχρειν θεός
 ἐς τέλος, οὐ γὰρ ἐλαφρὸν ἐσθλ[ὸν] ἔμμεν·
 ἢ γ]ὰρ ἀέκοντά νιν βιάται
 κέρ]δος ἀμάχητον ἢ δολοπλ[όκου
 με]γασθενής οἴστρος Ἀφροδίτ[ας] 10
 ἀρ]τίθαλοί τε φιλονικίαι.
 ὦι δ]ὲ μὴ δι' αἰῶνος ὄσιαν
 πάρεστιν ἐλ]θεῖν κέλευθον,
 ἀλλ' ἀγα]θὸς ἐς τὸ δυνατὸν.[

suppl. Lobel praeter 2 κακ. Treu, Gentili: μεγαλογ. Henry 6 fin. Treu, Bowra 7
 ἔμμεναι vel ἔμμεν conii. Page 11 ἀρτίθαλοί Treu, Page: ἐρίθαλοι conii. Gentili, Lloyd-
 Jones, Bowra 12-13 Page, ἐλθεῖν Gentili 14 ἀλλ' ἀγαθὸς Gentili

... o belo e o torpe distingue. E se
 alguém profere calúnias, uma boca sem freios
 exibindo, o fumo é vão, mas o...
 ouro não se mancha,
 e a verdade é onnipotente. 5
 [Mas] a poucos concede [um deus que possuam] a excelência
 até ao fim, pois não é leve [ser] nobre:
 ou, contra a sua vontade, o impele
 a sede de lucro incombatível ou o poderoso
 moscardo da maliciosa Afrodite 10
 ou as vigorosas rivalidades.
 Mas aquele a quem ao longo da vida não é
 dado seguir o caminho da rectidão,
 [será uma boa pessoa] o mais possível.

O *P. Oxy. 2432* contém um único fragmento de vinte e um versos, dos quais citamos apenas os catorze primeiros, dado o estado precário em que se encontram os restantes. Quando em 1959 E. Lobel sugeriu a atribuição a Simónides, notando “the strong similarity of the sentiments” dos vv. 6 sqq. com

os do poema composto para Escopas, que comentaremos a seguir, reconheceu igualmente a fragilidade de tal argumento²¹. Poucos anos após a publicação do papiro, Lloyd-Jones e Bowra defenderam a autoria de Baquilides²², mas a maioria dos comentadores aceita a sugestão do editor e Page 1962: 281 nem sequer a questionou (cf. Henry 1998).

A antítese com que se inicia este fragmento leva-nos até ao mundo dos valores aristocráticos da Época Arcaica. O sujeito de κρίνει é habitualmente identificado com o homem ‘aceitável’ de que se falará nos versos seguintes, que tem a capacidade de distinguir as boas acções das torpes²³. Cremos que a dificuldade em se ser uma boa pessoa durante toda a vida é o tema principal do fragmento e os primeiros cinco versos, na interpretação de Lobel 1959: 93, habitualmente seguida, parecem afirmar que se um homem bom é difamado, a sua reputação não é afectada, uma ideia também expressa por Baquilides (cf. 13. 199-209). As duas propostas de reconstituição do início do v. 2 – κακηγορέω, ‘caluniar’, ‘difamar’, e μεγαληγορέω, ‘gabar-se’, ‘orgulhar-se’, ‘ufanar-se’ – vão ao encontro desta interpretação, embora nenhuma esteja atestada na poesia lírica arcaica²⁴. A metáfora ἄθυρον [σ]τόμα, à letra, ‘uma boca que é uma porta aberta’, ‘uma boca escancarada’, sugere com grande clareza que o sentido do verbo não está muito longe de ‘proclamar falsidades’, ‘maldizer’ (cf. Thgn. 421-422). Segue-se uma gradação que vai até ao v. 5, por

²¹ “But I am uncertain what weight to attach to this. Poets do not repeat only themselves, and generalities of the same kind as are contained in ll. 6 seqq., and also in ll. 1 seqq., may be expected to appear in any of the composers of choral lyric.” (Lobel 1959: 91).

²² O argumento de Lloyd-Jones 1961: 19 é, sobretudo, de ordem estilística: “The poem is written in lyric iambics of a sort not found in what we have of Pindar and Bacchylides; and that fact may be held to make against their authorship. But my subjective feeling, for what it is worth, would be against Simonides and in favour of Bacchylides; the verse seems to me rather too easy, neat, and superficial for the older poet.” C. M. Bowra, “Simonides or Bacchylides?”, *Hermes* 91 (1963) 257-267, da análise do metro, dos temas, do estilo e da linguagem concluiu que, não obstante as semelhanças temáticas dos fr. 541 e 542, encontrou mais pontos coincidentes com a obra de Baquilides. Cf. Gentili 1964: 302. Para uma análise comparativa dos fr. 541 e 542, vide Donlan 1969.

²³ Cf. Donlan 1969: 92, Campbell 1991: 433 n. 2. Contra esta leitura, Ezio Pellizer, “«... E il bello e il turpe distingue». Simonide, fr. 36 *P.M.G.* 541”, *QUCC* 28 (1978) 87-91, retoma uma proposta de Pfeiffer 1968: 33 n. 1 e defende que o sujeito de κρίνει é ὁ καιρός (‘a oportunidade’, ‘a ocasião’; pl. ‘as circunstâncias’). Esta tese baseia-se na ideia de que os conceitos de τὸ καλόν e τὸ αἰσχρόν, para Simónides (bem como para os Sofistas, mais tarde), são relativos e estão sujeitos às circunstâncias da vida, o que está de acordo com o sentido geral do fr. 541 (cf. fr. 542. 14-18, 27-29, 40). Carson 1992a: 117 propõe como sujeito de κρίνει ‘the poet’.

²⁴ A primeira forma está atestada em Platão (*Smp.* 173d, R. 395e) e a segunda em Xenofonte (*An.* 6. 3. 18). Na interpretação de Henry 1998: 303-304, que propôs μεγαληγορεῖ, “The braggart’s chatter is ineffective, and the man of genuine worth retains his pre-eminence (3f.), for truth is all-powerful (5)”, considerando-a próxima do pensamento expresso nos vv. 86-89 da *IIª Olímpica* de Píndaro (cit. supra, p. 168). Lobel 1959: 93 notou a semelhança de sentido dos vv. 3-4 com os vv. 24-25 da *Iª Nemeia*.

formulação negativa, que imprime mais força à afirmação final. Todavia, não se alude ao conteúdo da prece (que era, por certo, do conhecimento geral), mas às intenções da deusa. A ideia sugerida por esta composição é que as mulheres de Corinto foram motivadas, por devoção ou inspiração divina (δαιμόνια)⁶¹, a dirigirem-se ao templo, como se a deusa esperasse que uma súplica formal legitimasse a sua vontade de intervir na luta contra os Persas. Estes aspectos formais e o testemunho de Plutarco levam-nos a considerar plausível a atribuição a Simónides.

3.5. Plateias (fins de Agosto de 479)

Epigr. VIII [100 B, 118 D] AP 7. 253, *API*

εἰ τὸ καλῶς θνήσκειν ἀρετῆς μέρος ἐστὶ μέγιστον,
 ἡμῖν ἐκ πάντων τοῦτ' ἀπένειμε Τύχη
 Ἐλλάδι γὰρ σπεύδοντες ἔλευθερίην περιθεῖναι
 κείμεθ' ἀγηράντῳ χρώμενοι εὐλογίῃ.

Se a bela morte é da bravura a parte maior,
 a nós, entre todos, no-la concedeu a Fortuna:
 na luta por dar à Hélade a coroa da liberdade
 fazemos aqui, na posse de um louvor sem idade.

O presente epigrama e o que se segue distinguem-se tanto do ponto de vista formal, como conceptual. Como foram imitados, depreende-se que tiveram uma grande fama⁶². É plausível, por isso, que sejam criações de Simónides, como alguns estudiosos supõem, e que formem um par. O facto de não identificarem os homenageados nem o local da batalha indica que eram epitáfios de uma sepultura comum (*polyandron*, cf. κείμεθα). E como nem o inimigo é mencionado, supõe-se que seja o exército persa, que no espírito dos

⁶¹ Brown 1991 defende a forma de nom. pl. δαιμόνια, transmitido pelos códices, a concordar com o sujeito de ἔστασαν (p. 7), e retoma a tese de Wilamowitz, que via as heteras mencionadas por Ateneu como as *hierodouloi* que serviam no templo de Afrodite (p. 8). Não nos parece, como afirma Brown, que δαιμόνια é que define αἶθε no v. 1, que nada tem de vago se figurar na inscrição de uma dedicatória. Julgamos que tem mais razão Palumbo Stracca 1985: 63, que considera indispensável a emenda de Bernardakis, porque a inscrição devia aludir ao carácter extraordinário e quase divino da prece das mulheres. Por esta razão, parece-nos mais plausível a tradição do escoliasta de Píndaro e de Plutarco, que identificava as suplicantes com as esposas dos combatentes. Para uma análise mais detalhada do nosso argumento, vide Ferreira 2007/2008. Vide ainda Bravi 2006: 60-63, para um exame dos vários problemas suscitados pela transmissão literária da inscrição.

⁶² Este facto permitiu estabelecer uma data *ante quem* para a sua composição. Page 1981: 198 observa que o epigr. VIII é seguramente anterior ao período helenístico, porque foi imitado num epitáfio do Cerâmico que data de c. 317/316 ou um pouco antes. O epigr. IX foi imitado num epitáfio de Cnossos que data do séc. II. Cf. W. Peek, *Griechische Vers-Inschriften* I (Berlin 1955), nº 1689 e 1513, respectivamente (apud Page).

Gregos que viveram este conflito havia constituído uma verdadeira ameaça à liberdade da Hélade (v. 3). Entre os aspectos mais singulares desta composição salientamos, além da feição dialogante (ἡμῖν, κείμεθα) e da precisão do estilo, que não é invulgar nos epitáfios, a oração condicional que a inicia, que põe a ênfase na noção de ‘bela morte’. Esta surge como passo determinante para a consagração do guerreiro, que é alcançada na luta por um objectivo comum. Ao contrário do que acontece noutros epitáfios, a morte não é aqui lamentada. Ela é sinal de um destino distinto e, por conseguinte, o seu lamento tem de ser substituído pelo elogio que perdurará. Este é, como sabemos, um tema tratado na elegia guerreira mais antiga (e.g. Tyrt. fr. 10. 1-2 W) e que Simónides desenvolveu no fr. 531 (vide supra).

De acordo com os *lemmata*, este epigrama e o seguinte foram compostos em homenagem aos soldados que perderam a vida nas Termópilas. Os estudiosos contestam esta informação, uma vez que conhecemos com razoável segurança os epitáfios que dizem respeito a esta batalha (Page 1981: 197). Th. Bergk, tendo em consideração o testemunho de Pausânias, segundo o qual os túmulos dos Espartanos e dos Atenienses em Plateias exibiam epitáfios de Simónides (9. 2. 5), sugeriu que o poeta tenha composto o presente epigrama em homenagem aos Atenienses e o seguinte para os Espartanos⁶³.

Epigr. IX [99 B, 121 D] AP 7. 251, AP I

ἄσβεστον κλέος οἶδε φίλην περὶ πατρίδι θέντες
κυάνεον θανάτου ἀμφεβάλοντο νέφος
οὐδὲ τεθναῖσι θανόντες, ἐπεὶ σφ’ ἀρετὴ καθύπερθε
κυδαίνουσ’ ἀνάγει δώματος ἐξ Αἴδεω.

Estes homens, cingindo a pátria amada de uma glória imortal,
envolveram-se na sombria nuvem da morte;
morreram, mas não estão mortos: sobre eles se derrama a fama
do seu valor, que os trará da morada de Hades.

Th. Bergk baseou-se na suposição de que o pan-helenismo que caracteriza

⁶³ Apud Page 1981: 198, que aceita a sua teoria, refutada por Jacoby 1945: 159 n. 11. Page destaca a qualidade literária das composições e considera que a atribuição a Simónides, embora se encontre na *Antologia Palatina*, pode ser verdadeira. Esta hipótese foi também aceite por Bowra 1938: 192-193 e Molyneux 1992: 197, embora este historiador invoque um argumento pouco sólido: “in view of his composition of other Persian war poems for both the cities.” A autoria de Simónides é considerada duvidosa, mas não impossível, por Gerber 1970: 330. Campbell 1982: 401 aceita a tese de Bergk, mas discorda da atribuição dos epigramas ao poeta, considerando que datam provavelmente do séc. IV. Saliente-se ainda que os editores da *Antologia Palatina* da colecção Budé divergem destas posições na interpretação das circunstâncias de composição dos epigramas (1938: 165).

em particular o epigr. VIII era mais adequado a um epitáfio para os Atenenses, que se consideravam defensores de toda Hélade, enquanto a defesa da pátria era especialmente importante para os Espartanos (apud Page 1981: 198-199). Se esta hipótese pudesse ser confirmada, bem como a atribuição a Simónides, teríamos aqui a prova de uma capacidade extraordinária para apreender os valores e os sentimentos mais caros a cada pólis⁶⁴. Esta qualidade não seria de estranhar, no entanto, num ancião que havia passado grande parte da sua vida a viajar e a contactar com diversas gentes do mundo grego.

O presente epigrama é ainda mais omissivo do que o anterior relativamente às circunstâncias da sua composição. No v. 1, a referência explícita à guerra é substituída por uma metáfora alusiva à coroação dos vencedores e à glória que se estendia à sua terra natal; no v. 2, a morte é referida de forma eufemística e metafórica (cf. *Il.* 20. 417-418), para ser negada logo a seguir através de um oxímoro (v. 3). Este epigrama exprime, do mesmo modo, a noção de que morrer no campo de batalha é um estado transitório para a glorificação permanente, ideia que aflora na abertura (ἄσβεστον κλέος, cf. *Od.* 4. 584, *Tyrt.* fr. 12. 31-32 W) e se concretiza no último verso (κυδαίνουσα).

Epigr. XV [140 B, 107 D] Plu. *Arist.* 19. 7

καὶ τὸν βωμὸν οὐκ ἂν ἐπέγραψαν οὕτως, εἰ μόναι τρεῖς πόλεις ἡγωνίσαντο τῶν ἄλλων ἀτρέμα καθεζομένων

τόνδε ποθ' Ἑλληνες Νίκης κράτει, ἔργω Ἄρης,
[εὐτόλμω ψυχῆς λήματι πειθόμενοι,]
Πέρσας ἐξέλασαντες ἐλευθέρᾳ Ἑλλάδι κοινόν
ἰδρύσαντο Διὸς βωμὸν Ἐλευθερίου.

E não teriam gravado no altar a seguinte inscrição, se apenas três cidades tivessem combatido, enquanto as restantes ficassem tranquilamente paradas:

Outroza os Helenos, com a força da Vitória e o trabalho de Ares,
[obedecendo à vontade audaciosa do seu espírito,]
os Persas repeliram e à Hélade livre
edificaram este altar comum de Zeus Libertador.

A fim de desmentir Heródoto, por este afirmar que nos confrontos decisivos de Plateias apenas participaram Espartanos, Atenenses e Tegeatas (9. 59 sqq., cf. 9. 85), Plutarco cita, neste passo e em *de Herod. malign.* 42. 873b, a inscrição que teria sido gravada pelos 'Helenos' num altar erguido em Plateias em honra de Zeus Libertador, que viria a ser o centro do festival

⁶⁴ Esta ideia é sugerida por Bowra 1938: 196, que propõe uma análise comparada bastante interessante dos dois epigramas.

*Eleutheria*⁶⁵. A *Antologia Palatina* (6. 50), que a atribui a Simónides, acrescenta um pentâmetro (v. 2), provavelmente espúrio (cf. Page 1981: 212). Tendo em conta o estilo epigráfico e a presença dos deícticos (τόνδε ποθ' Ἕλληνες), é provável que os outros três versos constituam a inscrição autêntica. O emprego do participio aoristo ἐξελάσαντες, 'repeliram', sugere que foi colocada algum tempo (ou bastante) depois do conflito⁶⁶, numa altura em que estava enraizada a ideia de que a vitória contra os Persas havia resultado do esforço conjunto de todos os Helenos pela liberdade da Hélade. Este aspecto é sublinhado com a repetição dos conceitos de Helenos/Hélade (vv. 1, 3) e de liberdade (vv. 3, 4).

A invulgar estrutura métrica do epigrama (dois hexâmetros e um pentâmetro) é argumento suficiente para alguns classicistas rejeitarem a atribuição a Simónides, que depende inteiramente do testemunho pouco seguro da *Antologia Palatina*. Mas se Wilamowitz 1913: 198 considerou original aquela forma, parece-nos que tem mais razão Page 1981: 212 e n.1, que suspeita da qualidade literária da composição, embora aceite que possa ser cópia de uma inscrição genuína (anónima)⁶⁷.

Epigr. XVI [107 B, 96 D] IG VII. 53 = SEG 13. 312

τὸ ἐπίγραμμα τῶν ἐν τῷ Περσικῷ πολέμῳ ἀποθανόντων καὶ κειμένων ἐνταῦθα ἡρώων, ἀπολόμενον δὲ τῷ χρόνῳ, Ἑλλάδιος ὁ ἀρχιερεὺς ἐπιγραφῆναι ἐποίησεν εἰς τιμὴν τῶν κειμένων καὶ τῆς πόλεως. Σιμωνίδης ἐποίηι.

Ἑλλάδι καὶ Μεγαρεῦσιν ἐλεύθερον ἄμαρ ἀέξειν
ἴεμενοι θανάτου μοῖραν ἐδεξάμεθα,
τοὶ μὲν ὑπ' Εὐβοίαι καὶ Παλίωι, ἔνθα καλεῖται
ἄγνᾶς Ἀρτέμιδος τοξοφόρου τέμενος,

⁶⁵ Segundo Tucídides (2. 71. 2), Pausânias e outros Helenos que com ele haviam combatido promoveu cerimónias em honra de Zeus *Eleutherios* na ágora de Plateias. Num outro passo, informa que anualmente os túmulos dos guerreiros eram honrados com oferendas (3. 58. 4; cf. Plu. *Arist.* 19. 7-8). De acordo com o *Periegeta*, o altar não se encontrava muito afastado dos monumentos fúnebres (9. 2. 5). Estrabão observa que o festival *Eleutheria* compreendia um concurso atlético que tinha como prémio uma coroa, mas não fornece mais detalhes (9. 2. 31). A tradição, transmitida por Diodoro Sículo (11. 29. 1) e Plutarco (*Arist.* 21. 1-2), de que se realizavam *agones* em Plateias desde 479, de quatro em quatro anos, foi discutida e refutada por R. Étienne et M. Piérart, "Un décret du Koinon des Hellènes à Platées en l'honneur de Glaucon, fils d'Étéoclés, d'Athènes", *BCH* 99 (1975) 51-75, esp. 63-68. Segundo este estudo, a instituição do festival com esta forma, que ainda se realizava no tempo de Pausânias (9. 2. 6), data talvez do tempo de Filipe e Alexandre da Macedónia. Outros estudiosos têm chamado a atenção para a ausência de fontes da Época Clássica sobre o festival. Cf. Boedeker 1995: 222, Schachter 1998: 26, Rutherford 2001a: 40-41. As inscrições sobre o festival são discutidas por L. Robert, "Épigrammes satiriques de Lucillius", *L'épigramme grecque*. Entretiens Hardt XIV (Genève 1968) 187-190.

⁶⁶ O que na opinião de Wade-Gery 1933: 73 n. 4 é indicado por ποτέ, argumento que não é suficiente, em nossa opinião (vide supra, epigr. VI).

⁶⁷ Menos válido nos parece o argumento de Molyneux 1992: 197, que considera plausível a atribuição a Simónides, caso tenha também composto os epigr. VIII e IX.

τοὶ δ' ἐν ὄρει Μυκάλας, τοὶ δ' ἔμπροσθεν Σαλαμῖνος 5
 < >
 τοὶ δὲ καὶ ἐν πεδίῳ Βοιωτίῳ, οἵτινες ἔτλαν
 χεῖρας ἐπ' ἀνθρώπους ἵππομάχους ἰέναι.
 ἄστοι δ' ἄμμι τόδε <ξυνὸν> γέρας ὀμφαλῶι ἀμφίς
 Νισαίων ἔπορον λαοδόκῳ ἴν ἀγορᾷ. 10
 μέχρις ἐφ' ἡμῶν δὲ ἡ πόλις ταῦρον ἐναγίζει (-εν lapis).

9 suppl. Wade-Gery 10 Wade-Gery: λαοδοκῶν lapis

Visto que o epigrama dos heróis que morreram na guerra persa e aqui repousam foi destruído pelo tempo, Heládio, o grande sacerdote, fez por que fosse gravado em honra dos mortos e da cidade. Simónides era o seu autor.

Da Hélade e dos Megarenses o dia da liberdade
 procurámos engrandecer e um destino fatal recebemos,
 uns na Eubeia e no Pélion, onde se ergue
 o santuário da pura Ártemis, a archeira,
 outros na montanha de Mícale, outros frente a Salamina 5
 < >⁶⁸
 outros ainda na planície beócia, aqueles que ousaram
 lançar as mãos aos soldados de cavalaria.
 A nós concederam os cidadãos esta honra comum, no coração
 da ágora que acolhe o povo dos Niseus. 10
 Até aos nossos dias, a pólis tem sacrificado um touro.

A forma das letras desta inscrição⁶⁹ sugere que o monumento colocado por ordem de Heládio data do séc. IV d.C. ou é posterior (Page 1981: 213, Campbell 1991: 533). Não obstante as palavras do preâmbulo, pode ter sido antes um memorial, como julga Page (*ibidem*), edificado na ágora de Mégara (v. 10), em homenagem a todos os cidadãos que haviam perdido a vida nas lutas contra os Persas (vv. 3-8). Pausânias informa que os Megarenses tinham túmulos dentro da cidade e um deles fora construído para aqueles homens (1. 43. 3), mas segundo os historiadores da Época Clássica os soldados de Mégara haviam sido sepultados no campo de batalha, inclusive os que foram dizimados em Plateias pela cavalaria tebana (Hdt. 9. 85, Thuc. 3. 58. 4).

A noção de que com o sacrifício da vida, mencionado de forma eufemística no v. 2, os Megarenses alcançaram a liberdade para todos os Helenos ocupa o primeiro dístico da composição. O tema da liberdade é aqui retomado de forma

⁶⁸ O canteiro omitiu um pentâmetro e uma palavra do v. 9. Cf. Wade-Gery 1933: 96, Page 1981: 213, Campbell 1991: 535.

⁶⁹ A inscrição foi descoberta por M. Fourmont e publicada por A. Boeckh em 1818. O primeiro comentário e edição de referência são de Von A. Wilhelm, "Simonideische Gedichte", *Jahr. des Öst. Arch. Inst. Wien* 2 (1899) 221-244 (in Pfohl 1972: 290-322, esp. 311-322).

mais elaborada, mas o coração do epigrama é preenchido com a menção das batalhas, terrestres e navais, em que os soldados de Mégara participaram (vv. 3-8). O inimigo é apenas referido no último verso, mas ἀνθρώπους ἵππομάχους tanto pode designar os Persas como a cavalaria dos Tebanos, que foram seus aliados (cf. Hdt. 9. 69). Característica particular é a articulação da enumeração simples com as duas digressões em *enjambement* (vv. 3-4, 7-8), cuja intenção, provavelmente, pode não ir além do mero ornamento⁷⁰, à semelhança do que ocorre na poesia épica em catálogo (cf. Hes. *Th.* 252-255). O último dístico diz apenas respeito ao memorial, dedicado a expensas do povo de Mégara, mencionado através de uma perífrase que evoca o seu rei mítico, Niso (cf. infra fr. eleg. 11. 37). A feição dialogante, que é introduzida no epigrama por ἔδεξάμεθα no v. 2, culmina agora no pronome pessoal ἄμμι e confere a toda a composição um tom menos impessoal e mais intimista.

O preâmbulo atribui a Simónides a autoria do epigrama e não cremos que haja objecções do ponto de vista histórico e cronológico. Informa um escólio de Theoc. 12. 27-33b-c (pp. 255-256 Wendel = fr. 629, 124 P, 199 B) que ‘Simónides também louva os Megarenses’ (καὶ Σιμωνίδης ἐπαινεῖ τοὺς Μεγαρεῖς) e o presente epigrama evidencia um carácter laudatório. Não cremos, no entanto, que o seu estilo apoie a atribuição ao poeta, que provavelmente tem origem na transmissão literária do período helenístico⁷¹. A sua dimensão, que contrasta com a brevidade das inscrições arcaicas, e a construção formal, que se apoia na alternância de τοῖ μὲν e τοῖ δέ (vv. 3-7) e na enumeração ‘em catálogo’, fazem lembrar o epigr. XLIII, composto em honra do corredor Nicoladas de Corinto, também incluído no *corpus* de Simónides (cf. supra, p. 155).

Epigr. XVII (a) et (b) [138 B, 105 D]

(a) Thuc. 1. 132. 2

(Παυσανίας) ἐπὶ τὸν τρίποδά ποτε τὸν ἐν Δελφοῖς, ὃν ἀνέθεσαν οἱ Ἕλληνας ἀπὸ τῶν Μήδων ἀκροθίνιον, ἠξίωσεν ἐπιγράψασθαι αὐτὸς ἰδίᾳ τὸ ἐλεγεῖον τόδε

⁷⁰ Os epítetos de Ártemis são ambos homéricos. Em *Od.* 5. 123 emprega-se, como no presente epigrama, a adjectivação dupla: χρυσόθρονος Ἄρτεμις ἄγνη. O adjectivo ἄγνός é especialmente aplicado a divindades. Vide supra fr. 579. 3 e infra fr. 577. Sobre τοξοφόρος, vide supra, n. 60.

⁷¹ Cf. Page 1981: 214, que pensa tratar-se de uma inscrição genuína, composta por um poeta de Mégara (p. 215). Na opinião de Wade-Gery 1933: 96, Heládio copiou o epigrama de um livro, bem como a atribuição a Simónides. Para Molyneux 1992: 200, as palavras do sacerdote esclarecem que a inscrição, não a pedra, foi desgastada pelo tempo e, embora reconheça que a autoria de Simónides não é segura, não a rejeita totalmente. Esta possibilidade foi também equacionada por Podlecki 1973: 27. Este investigador sugeriu que o epigrama pode ter sido na origem destinado a assinalar a dedicatória do santuário mencionado por Pausânias (1. 43. 3, cf. supra). Notou também que a atribuição a Simónides constitui, além do *Marm. Par.* Ep. 54, o único registo epigráfico do nome do poeta (p. 25). Para uma análise do epigr. XVI, vide Bravi 2006: 65-68.

Ἑλλάνων ἀρχαγός, ἐπεὶ στρατὸν ὤλεσε Μήδων,
Παυσανίας Φοῖβῳ μνᾶμ' ἀνέθηκε τόδε.
τὸ μὲν οὖν ἔλεγειον οἱ Λακεδαιμόνιοι ἐξεκόλαψαν εὐθὺς τότε ἀπὸ τοῦ τρίποδος τόδε καὶ
ἐπέγραψαν ὀνομαστὶ τὰς πόλεις ὅσαι ξυγκαθελοῦσαι τὸν βάρβαρον ἔστησαν τὸ ἀνάθημα.

[Pausânias] considerou que devia inscrever, a título pessoal, sobre a trípole que, primícias do espólio dos Medos, os Helenos dedicaram outrora em Delfos, o seguinte dístico elegíaco:

Ao destruir o exército dos Medos, o comandante dos Helenos,
Pausânias, a Febo dedicou este memorial.

Logo então os Lacedemónios raspavam este dístico da trípole e nela inscreveram os nomes de todas as cidades que consagraram a dedicatória, por terem derrotado em conjunto os bárbaros.

(b) D.S. 11. 33. 2

οἱ δ' Ἑλλήνες ἐκ τῶν λαφύρων δεκάτην ἐξελόμενοι κατεσκευάσαν χρυσοῦν τρίποδα καὶ
ἀνέθηκαν εἰς Δελφοὺς χαριστήριον τῷ θεῷ, ἐπιγράψαντες ἔλεγειον τόδε·
Ἑλλάδος εὐρυχόρου σωτήρες τόνδ' ἀνέθηκαν
δουλοσύνης στυγεράς ῥυσάμενοι πόλιας.

Os Helenos, com a décima parte dos despojos, construíram uma trípole de ouro, que dedicaram em Delfos como acção de graças ao deus, tendo nela inscrito o seguinte dístico elegíaco:

Da vasta Hélide salvadores fizeram esta dedicatória,
quando da servidão odiosa libertaram suas cidades.

É notório o estilo epigráfico das duas composições. Ambas especificam o seu carácter votivo, os responsáveis pela dedicatória e o motivo. A primeira, mais directa e concisa, indica também a divindade a que é consagrada e distingue-se pelo protagonismo que atribui a Pausânias (na batalha de Plateias). A segunda, mais ornamentada (εὐρυχόρου, στυγεράς) e convencional, ostenta a qualificação dos Helenos como σωτήρες e o tema da liberdade da Hélide, que a identificam como respeitante às Guerras Medo-Persas. Note-se que os conceitos de Helenos e Hélide ocorrem, respectivamente, no início da primeira e da segunda composição.

Do ponto de vista formal, não há razões para contestarmos a validade destes testemunhos, segundo os quais estas são as inscrições da trípole consagrada ao santuário de Delfos pelas vitórias de 479⁷². Todavia, só a primeira é atestada por

⁷² Segundo Heródoto, após a vitória de Plateias, de uma parte dos despojos foram feitas oferendas a Apolo em Delfos, a Zeus em Olímpia e a Poséidon no Istmo (9. 81. 1). A dedicatória consagrada a Delfos era uma trípole de ouro sobre uma coluna de bronze de seis a oito metros, que tinha a forma de três serpentes entrelaçadas. Nessa coluna foram inscritos os nomes das trinta e uma cidades gregas que combateram os Persas (Plu. *Them.* 20. 3), figurando à cabeça os Lacedemónios, os Atenienenses e os Coríntios. Quando os Fócios ocuparam Delfos na 3ª Guerra

outras fontes⁷³ e, como dissemos na segunda parte, o Periegeta atribui a autoria a Simónides (3. 8. 2). Page 1981: 217, que considera as duas composições autênticas, desvaloriza este testemunho com base em Boas 1905: 113, segundo o qual Pausânias usou uma antologia. Mas alguns estudiosos aceitaram-na, invocando como argumento a tradição anedótica que relacionava Simónides e o general de Plateias⁷⁴. A publicação do *P. Oxy.* 3965 (vide infra, fr. eleg. 11. 33-34) veio confirmar que os dois homens se conheciam de facto, pelo que o testemunho do Periegeta, em nossa opinião, merece ser considerado.

Epigr. XX (a) [88a D] SEG 10. 404 + Meritt 1956: 268 sqq. = 2 Hansen
ἀνδρῶν τῶνδ' ἀρετῆ[ς ἔσται κλέ]ος ἄφθι[τον] αἰεὶ
[.....]ν[.]ρ . [.....] νέμωσι θεοί·
ἔσχον γὰρ πεζοί τε [καὶ] ὠκυπόρων ἐπὶ νηῶν
Ἐλλά[δα μ]ῆ πᾶσαν δούλιον ἦμαρ ἰδεῖν.

A glória do valor destes homens será sempre imortal
..... concedam os deuses.
Pois não permitiram, a pé ou em céleres naus,
que a Hélade toda visse o dia da servidão.

A presença do deíctico (τῶνδε), como no epigr. XX (b), sugere que os nomes dos soldados que perderam a vida em combate figuravam no memorial. Na parte conservada, pelo menos, não surge qualquer referência à morte. Sublinha-se, pelo contrário, a imortalidade da fama do mérito que caracterizou a actuação destes homens. As palavras conservadas do v. 2 sugerem a ideia geral, presente em alguns passos gnómicos de Simónides, de que a *arete* depende também da benevolência dos deuses. O v. 3 indicia que o epigrama foi composto após a batalha de Salamina⁷⁵, mas, como observa Page 1981: 220-221, pode dizer respeito a toda a guerra e não a um confronto em particular.

Sagrada (356-346) fundiram o ouro (Paus. 10. 13. 9). A coluna seria levada para Constantinopla por ordem do imperador Constantino e instalada no Hipódromo, onde se encontram ainda 5,5 metros do monumento original. Sobre a inscrição que nele figurava, vide Meiggs and Lewis 1975: 57-60.

⁷³ Cf. Ps. Dem. in *Naeer.* 59. 97; Aristodem., *FGrHist* 104 F 4; Nep. *Paus.* 1. 3; Plu. *de Herod. malign.* 42. 873c; Apostol. VII. 9d; *Suda*, s.v. Πανσωνία; *AP* 6. 197.

⁷⁴ Cf. Stella 1946: 7, Bowra 1961: 345, Podlecki 1973: 37, Molyneux 1992: 198. A autoria de Simónides é reiterada na *Antologia Palatina*. Huxley 1978: 246 considera difícil aceitá-la, dado o tom arrogante das palavras, mas a arrogância do comandante espartano parece ser um *topos* (cf. Thuc. 1. 130; epigr. XXXIX, citado em Athen. 12. 536a-b).

⁷⁵ A reconstituição do segundo hemistiquio do v. 3 que apoia esta interpretação depende de um fragmento de uma cópia do séc. IV do epigr. XX (a), publicado por B. D. Meritt, *The Aegean and the Near East* (New York 1956) 268-280. Como já referimos, durante muito tempo alguns filólogos pensaram que os epigr. XX (a) e (b) diziam ambos respeito à batalha de Maratona. Sobre esta questão, cf. p. 144 e epigr. XX (b), pp. 259-260 e n. 11.

É o que sugere o verso seguinte, no qual está presente o mesmo tema do epigr. XVIII⁷⁶, mas se distingue pela noção de pan-helenismo: o que está agora em causa não é a liberdade de uma cidade, mas a de uma nação, ideia enfatizada pelo emprego da formulação negativa e pela personificação do conceito de Hélade. Se algum dia se confirmar a tese, dominante na primeira metade do séc. XX, de que o epigrama dizia respeito a Maratona, teríamos aqui uma prova de que a preocupação com a liberdade dos Gregos e a consciência da união pan-helénica eram ideias mais antigas do que as composições epigráficas permitem supor⁷⁷.

O estilo desta inscrição, pelo menos na parte conservada, evidencia sobriedade e cuidado na disposição das palavras (por exemplo, a colocação de termos importantes no início dos vv. 1 e 4). Além do epíteto ornamental do v. 3 (cf. *Il.* 10. 308, 13. 110, *Od.* 4. 708 νηῶν ὠκυπόρων), vale a pena recordar que ἄφθιτος, cujo valor é reforçado por αἰεὶ, é empregue por Simónides num passo gnómico para qualificar os deuses (fr. 523. 3). Isto não significa de modo algum que estamos perante uma prova da sua autoria. A atribuição ao poeta é uma suposição dos editores modernos e baseia-se, quanto a nós, em critérios cronológicos e não tanto estilísticos. Diga-se, a propósito, que Page 1981: 223 sublinhou o estilo convencional desta composição (“lucid and dignified, perfectly suited to its purpose”), considerando que o epigr. XX (b) era “more interesting and original”.

Na segunda edição do volume II de *Iambi et Elegi Graeci ante Alexandrum Cantati*, Martin West atribuiu a ‘Elegia de Plateias’ os fr. eleg. 10-17 e, com algumas reservas, também o fr. eleg. 18 (formado por sete linhas extremamente mutiladas). À exceção dos fr. eleg. 15 e 16, os restantes não contêm uma única linha completa. É larga, portanto, a margem da incerteza. E ainda que seja muito significativo o conjunto de trabalhos publicados sobre esta matéria, o essencial, a palavra e o pensamento do poeta, em grande parte, apenas nos é acessível através das reconstituições e conjecturas dos editores e críticos modernos. Por esta razão, decidimos não comentar os fr. eleg. 12, 17 e 18, cujo sentido não é possível determinar, dado o estado precário em que se encontram. As propostas de reconstituição, citadas no texto e no aparato,

⁷⁶ A expressão δούλιον ἦμαρ remonta a *Il.* 6. 463. Page 1981: 224 sublinha a recorrência do tema nos epigramas sobre as Guerras Medo-Persas. Cf. supra, n. 2.

⁷⁷ Sobre esta questão, vide W. C. West, “Saviors of Greece”, *GRBS* 11 (1970) 271-282. Como não há certezas de que o epigr. XXI (vide supra) seja autêntico, este investigador chega à conclusão de que “there is no evidence from unequivocal fifth-century sources that the Athenians emphasized Panhellenism in their early propaganda concerning Marathon. It is readily evident that such an attitude was associated with Salamis.” (p. 278).

recolhidas principalmente das edições de Parsons 1992 e de West 1992a⁷⁸, foram incluídas na nossa tradução.

Fr. eleg. 10 *P. Oxy.* 3965 fr. 22. 2-5

... (.) πατή]ρ προπάτω]ρ τε 2
..... (.)]. θωνην σ[
..... μελε]τῶν ὑπὲρ ἡμ[ετέρων
κούρης εἶν]αλίης ἀγλαόφη]με πάϊ 5

3 M]ηθώνην vel -θων ἦν σ[~? coni. West

... [pai] e antepassado ... [Metona?]... em benefício da minha dedicação...
[ó filho] glorioso da marinha donzela...

Formado por seis linhas, das quais citamos apenas quatro, o fr. 22 do *P. Oxy.* 3965 foi identificado como pertencente ao ‘proémio de Aquiles’, suposição que se baseia no v. 4, possível referência do poeta ao seu trabalho⁷⁹ e, em particular, na apóstrofe perifrástica ao filho de Tétis, que preenche o v. 5 e é uma suposição de West. Aceitando-a, é de salientar a aliteração do v. 2 e a disposição quiástica dos termos no v. 5. O primeiro epíteto deste verso, que no fr. eleg. 11. 20 é aplicado a Nereu, é usado na *Odisseia* (4. 443), mas a respeito de um animal. O segundo pode ser uma criação do poeta⁸⁰, que ocorre também no fr. 20. 13 do *P. Oxy.* 3965 (fr. eleg. 3).

Este fragmento sugere que Simónides iniciava (?) o seu poema com a evocação de um dos heróis mais célebres do mito e da epopeia, o que nos pode levar a suspeitar de que estabelecia uma comparação entre os seus feitos militares e os que foram alcançados pelos guerreiros que enfrentaram os Persas em Plateias, mas também que terá dado ao seu poema contornos épicos. A intenção do poeta não é, porém, fácil de apreender e as muitas propostas de interpretação da função deste ‘proémio’ e do que constitui a ‘parte mítica’ do poema (fr. eleg. 11. 1-20) primam pela diversidade e pela falta de consenso (vide infra).

⁷⁸ Na edição e tradução dos fr. eleg. 10-18, Sider 2001a: 17-24 fornece um aparato crítico mais completo que o de West, no qual compila as propostas de outros helenistas. É também de grande utilidade a edição de Gentili e Prato 2002: 193-201. Merece destaque o estudo de Kowerski 2005, que desenvolve algumas das propostas de interpretação do ‘Novo Simónides’ apresentadas por D. Obbink, I. Rutherford e D. Sider, e procura demonstrar que é metodologicamente errado pressupor que estes fragmentos papirológicos, em especial o fr. eleg. 11, transmitem um poema exclusivamente dedicado à batalha de Plateias.

⁷⁹ West 1993a: 168, ‘... for m[yl]y compos]ition...’. O editor evoca como paralelo Emp. B 131. 2 D-K. Cf. o comentário de Pavese 1995: 8, que corrobora esta leitura.

⁸⁰ Trata-se de uma suposição de West, que Parsons 1992: 42 não aprova totalmente, observando “η[not in itself an obvious reading of the traces.” Vide o comentário ao epíteto ἀγλαόφημος de Poltera 1997: 374-375, que apoia a proposta de West.

- Perseu: 318, 331-337, 372, 373
 Pérsia: 94, 141
 Piéria: 300, 322
 Piérides, Musas: 297, 300, 302, 328
 Pigres de Halicarnasso: 361
 Pilos: 17, 18
 Pintor de Andócides: 80 n. 42
 Pintor de Berlim: 80 n. 42
 Pintor de Brygos: 80 n. 42
 Pintor de Cleófrades: 50 n. 72
 Pintor de Sísifo: 104-105 n. 25
 Pirro: 250, 251
 Pisa: 125, 321 e n. 13
 Pisístrato: 49, 93, 95, 137, 138 e n. 50, 153 n. 88, 157, 177
 Pisístrato, filho de Hípias: 141
 Pisístratos: 49, 50 n. 70, 93 e n. 84, 94, 122, 131 n. 33, 136 n. 47, 137 e n. 50, 139-141, 157
 Pítaco de Mitilene: 81 n. 45, 202, 204, 206, 207 n. 43, 208, 212 e n. 62, 219 e n. 77
 Pitágoras de Régio, escultor: 240
 Pitágoras: 56
 Pitagóricos, filósofos: 206 n. 40
 Pítia: 43, 44, 46
 Pítton: 33, 86 n. 60, 88 n. 66, 124, 318, 370
 Planura Elísia (Campos Elísios): 349 e n. 87, 372
 Plateias: 151, 286-288 n. 65, 292, 302-304, 308, 310 e n. 110, 311 e n. 114, 312
 Plateias, batalha: 9, 147, 149, 151, 228 n. 102, 236, 267, 285-313
 Plateias, 'Elegia de Plateias': 151, 265, 267, 293-313, 317, 322, 328, 350, 371, 372
 Podalírio: 21 n. 14
 Poiessa: 116
 Polícrates de Samos: 39 e n. 49, 89 e n. 70, 90 n. 72, 92 e n. 77, 93 e nn. 81, 82, 84; 168, 233 n. 114, 265, 313
 Polícrito (avô e neto): 243, 244 n. 17
 Polidamante: 19 n. 10
 Polideuces/Pólux: 91 n. 75, 181, 246, 247, 317 e n. 2
 Polífido: 20 n. 14
 Poliido: 20 n. 14
 Polimnesto de Cólofon: 71-73, 88
 Políxena: 350, 372
 Polizelo: 167 e n. 124
 Ponto: 117
 Ponto Euxino: 340
 Pórtico Pintado (*Stoa Poikile*): 261 n. 16
 Poséidon: 124, 279, 291 n. 72, 321 n. 13, 322, 339, 340 e n. 67, 343 n. 74, 361 e n. 16, 370
 Prexídice: 161
 Príamo: 17, 199, 296, 299 n. 87, 347
 Priene: 219 n. 77
 Prometeias: 94 n. 88
 Prónomo: 80 n. 42, 88 e n. 68
Propemptikon (προπεμπτικόν): 100 e n. 6, 170 e n. 130
 Protágoras: 173, 185, 205 e n. 35, 207, 213 e n. 63
 Proteu: 349 n. 87
 Psâmis de Camarina: 253 n. 46
 Ptéleo: 18
 Quélidon/Filomela: 362 n. 18
Quercus coccifera: 345 n. 79
Quercus ilex: 345 n. 79
 Queroneia: 277 n. 50
 Quílon de Esparta: 210 n. 53, 219 n. 77
 Quios: 33, 35, 36 e n. 39, 38, 39, 42, 47, 50, 53 e n. 80, 103 n. 17, 162 n. 112, 216, 222, 223, 227, 283
 Régio: 42 n. 57, 71, 83, 89 e n. 70, 90 e n. 72, 91 n. 74, 93 n. 83, 102, 129, 172, 240, 253 e n. 44, 254, 350
 Rénea, ilha: 39 n. 49
 Rodes: 105 e n. 27, 146, 147, 153, 154, 219, 228 n. 101, 249, 318, 329, 339,

- 340 n. 67, 342 n. 71, 349 e n. 87,
363 n. 23
- Roma: 180
- Sácadas de Argos: 71, 86-89
- Salamina: 50 n. 71, 244 n. 17, 276-278 e
n. 51, 279, 280 n. 54, 281, 289, 304
n. 102, 344
- Salamina, batalha: 115 n. 1, 118-
119, 144, 145 e nn. 67, 69; 146 e
n. 72, 147, 150 e n. 80, 243, 244,
258, 275-285, 292, 293 n. 77
- Samos: 39, 89 e n. 70, 90, 92, 93 e n.
84, 168
- Sansão: 161 n. 111
- Sardes: 74 n. 26, 92, 93
- Sarpédon: 269, 297
- Seleuco, gramático: 350, 351
- Serifos: 331, 333
- Sete (contra Tebras): 338
- Sete Sábios: 21 n. 15, 95 e n. 93, 96, 207
n. 43, 219 e n. 77, 374
- Sibota: 66
- Sicília: 54, 77, 102, 112, 119, 131, 143,
144 n. 64, 149, 157, 164, 167-169 e
n. 128, 170, 171 e n. 134, 177 n. 149,
184, 254 n. 49, 318, 359, 369, 370
- Sícion: 49, 57 nn. 86 e 89, 85, 88, 96,
130, 131 n. 32, 142 n. 59
- Sicofanta: 363
- Sídon: 25 n. 19, 102
- Sigeu: 312
- Simo, pai de Alevas: 159
- Simplégades: 340
- Siracusa: 38, 54, 55, 91 n. 75, 102, 105,
107-109, 110 n. 37, 131 n. 32, 144
n. 64, 164, 166, 168, 171, 176 n. 147,
178, 241 e n. 6, 253 n. 46, 361
- Síria: 133
- Sócrates: 26, 50-53, 55, 59, 80 n. 43, 94,
105, 163 n. 116, 165, 173, 205 e n.
35, 209 n. 46
- Sofistas: 52, 56, 176 e n. 148, 185, 200
n. 23
- Sono: 357
- Sosítrato: 51 n. 76
- Staatliche Antikensammlungen,
Munich: 78 n. 40, 105 n. 25
- Sylloge Simonidea*: 150
- Tales de Mileto: 56, 99, 184, 219 n. 77
- Taletas de Gortina: 70-72 e n. 23, 167
- Talos: 318 n. 3
- Taltibíadas: 53 n. 80
- Taltíbio: 53 n. 80
- Taminas: 142
- Tâmiris: 17, 18 e nn. 6 e 7, 19 e 9, 21, 26,
28, 40, 88, 369
- Tânagra: 86 n. 62
- Tarento: 77, 80 n. 43
- Targélias: 94 n. 88
- Tasos: 355
- Tauroménio: 167, 284 n. 58
- Teárides: 54
- Tebanos: 290
- Tebas: 20 n. 14, 30 n. 31, 31 n. 32, 58, 73,
88, 104, 105, 108-110, 128 n. 27, 130
n. 31, 131 n. 32, 153, 171, 175, 196
n. 17, 226 n. 95, 266 n. 31, 327, 338
- Tégea: 86 n. 60
- Tegeatas: 287
- Telémaco: 22, 23, 25, 79 n. 40
- Télemo: 20 n. 14
- Temístocles: 139 n. 56, 145, 146 e nn.
71, 72; 147, 149 n. 78, 181, 182, 244,
258, 282, 312 n. 117, 344 n. 77
- Tempe: 157 e n. 103
- Ténaro: 75 n. 28, 78 n. 39
- Ténédos: 105, 328
- Teoclímeno: 20 n. 14
- Teogneto: 153 e n. 91
- Teos: 92, 93 e n. 85, 94, 136, 143, 161
- Teóxeno: 230 n. 111, 233 n. 114, 328
- Tera: 44
- Téron de Agrigento: 106, 164, 167, 168
n. 125, 170, 171

- Termópilas: 150, 220, 264 e n. 23, 265 e n. 26, 266 e n. 29, 267 e n. 32, 269 n. 36, 270, 271, 273, 274, 373
Termópilas, batalha: 261-274, 277, 286, 309 n. 108
- Terpiádes: 24
- Teseu: 343, 344, 346, 372
- Téspias: 86 n. 62
- Téspios: 274, 276
- Tessália: 19 e n. 8, 85, 94, 106, 122, 129, 156 e n. 101, 157 e n. 103, 158-160, 162, 163 e n. 116, 164, 180, 181, 209 n. 46, 214, 233, 250, 251 e n. 36, 343, 370
- Tessálios: 251
- Téssalo de Corinto: 155
- Téssalo, rei da Tessália: 250
- Tessalonica: 74 n. 26
- Tétis: 294, 301 n. 92
- The Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque: 80 n. 42
- Timodemo de Acarnas: 50 e n. 71
- Tindáridas (vide Dioscuros): 163, 181, 297
- Tiranicidas: 132, 138, 139
- Tírea: 72 n. 23
- Tirésias: 20 n. 14
- Tisámeno: 304-306 n. 104
- Tísias: 82
- Titãs: 328
- Tlepólemo: 329
- Tórax: 159
- Trácia: 18, 92, 100, 356
- Trasíbulo: 109 e n. 35, 171
- Trigeu: 174
- Trio: 18
- Tróia: 26, 28, 29, 54, 90, 133 n. 37, 196 n. 17, 298, 299, 302, 306, 308, 310 n. 111, 312 e n. 118, 313, 347
- Troianos: 15 n. 2, 303 n. 98, 312 n. 118, 347, 348
- Trós: 252 n. 42
- Ulisses: 15, 16 n. 4, 19, 20 n. 14, 21-26, 29 n. 26, 40, 41, 79 n. 40, 211, 212, 325, 328, 355
- Urânia, Musa: 16 n. 3, 361
- Urano: 250, 319
- Vulci: 50 n. 72
- Xantipa: 156 e n. 100
- Xantipo: 93 n. 85
- Xenócrates de Agrigento: 109, 129, 170, 171 e nn. 132, 133; 175
- Xenócrito de Locros: 71-73 e n. 24, 78
- Xenodamo de Citera: 71-73
- Xenófilo: 131
- Xenofonte de Corinto: 105 n. 27, 155, 156, 283
- Xerxes: 144, 145, 157 n. 103, 284 n. 58
- Zacintos: 79 n. 40
- Zancle: 253
- Zéffiro: 319
- Zetes: 145 n. 69
- Zeus: 18, 28, 50, 53, 99 n. 1, 102, 121, 125, 134, 149 e n. 79, 169 e n. 128, 201 n. 27, 232, 242, 245 n. 22, 249, 259, 291 n. 72, 297, 299, 305, 306, 317, 318, 321 e n. 13, 322, 324 e n. 21, 325, 327, 329-331, 333, 337, 349 e n. 87, 355-357 e n. 6, 358, 359
Zeus Ámon: 99 n. 1, 109
Zeus Ceneu: 321-322 e n. 15
Zeus *Ithomatas*: 66 e n. 5, 67
Zeus Libertador (*Eleutherios*): 287, 288 n. 65, 310 e n. 113
Zeus Nemeu: 46
- Zeuxipo: 152 n. 86

ÍNDICE DE TERMOS GREGOS*

- ἀγαθός: 192 e n. 2, 203, 206, 208 e n. 44,
209, 212 e n. 59, 214, 215
- ἀγένειοι: 248 n. 29
- ἀγλαός: 245 n. 22
- ἀγλαόφημος: 294 e n. 80
- ἀγνός: 290 n. 70, 324 e n. 19
- ἀγχέμαχος: 284 n. 60
- ἀελλόπους: 252 n. 42
- ἀέναος: 219 n. 80
- Αἰάτιος: 250 e n. 35
- αἰσχρός, αἰσχροῖν: 200 n. 23, 203, 210 e
n. 51, 214, 215
- Ἄκάνθιος: 364-365 e nn. 28 e 29
- ἄλμη: 335-336 e n. 52
- ἀμβρόσιος: 324
- ἀνάγκη: 209, 211
- ἀνδρεία: 216, 217 e n. 76
- ἀνεπίδοκητος: 198
- ἄνθος: 345 e n. 79
- αἰοιδή: 17, 19 e n. 10, 58, 177 n. 149, 309
- αἰοίδιμος: 19 n. 10, 299 e n. 88, 300
- αἰοιδός: 17, 55, 57 e n. 87, 115
- ἀπάλαμνος: 210 e n. 52
- ἀπήμαντος: 198 e n. 20
- ἀρετή, ἀρεταί: 176 n. 146, 195 e n. 14,
212 e n. 59, 216, 263, 265, 371, 374
- ἀρτιεπής: 236 e n. 12
- ἄσμα, ἄσματα: 72, 75, 220 e n. 82
- ἀτασθαλία: 140, 141 n. 57
- ἀτερπής: 334
- αὔριον: 194 e n. 8
- αὐτοδίδακτος: 23 e n. 17, 57 n. 86
- ἄφθιτος: 293
- ἄφυκτος: 192 e n. 1
- ἄχνη: 335-336 e n. 52
- γαλαθηνός: 335 e n. 49, 338-339
- γᾶρυς, γῆρυς: 343 e n. 75
- γλαφυρός: 373
- δαιδάλεος: 333 e n. 46
- δαΐφρων: 29 e n. 26, 301-302 n. 95
- δακέθυμος: 216 e n. 72
- δακρυόεις: 257 e n. 4
- δασπλής: 195
- δημιουργός: 20 e n. 13
- διαίνω: 335
- δίκη: 230 e n. 110, 374
- δινάεις: 351 e n. 90
- δνόφος: 335
- δολομήδης: 202 n. 31, 320 e n. 9

* Incluem-se neste índice, não exaustivo, os termos gregos comentados ou com algum significado nos versos de Simónides.

- δολομήχανος: 320
δολοπλόκος: 202 e n. 31, 320 n. 9
δούλιον ἦμαρ: 292, 293 n. 76
δυσάμβατος: 217 e n. 74
εἰδώς: 210 n. 54
εἰνάλιος: 294
ἐκατηβόλος: 251 e n. 38
ἐκών: 25, 203, 209 n. 46, 210, 211 e n. 57
ἔλεγος: 87 e n. 64
ἐλευθερία: 256 e n. 2
ἐλικοβλέφαρος: 327-328 e n. 32
ἐλπής: 224, 225
ἐναγώνιος: 327
ἐνοσιφύλλος: 343 e n. 74
ἐντάφιος: 264-265 e n. 26
ἔπαινος: 263 e n. 18
ἐπέξατο (cf. πέκω): 244-245 e n. 19
ἐπιχθόνιος: 358
ἐπώνυμος: 301 n. 92
ἐραννός: 325 e n. 24
ἐριθηλής: 344, 345 n. 79
ἐρικυδής: 251
ἔσθλος: 208 n. 44
ἔσοπτος: 217 n. 74
εὐᾶγής: 234-235 e n. 121
εὐᾶγής: 235 e n. 122
εὐαής: 235 e n. 122
εὐανθής: 236 e n. 129
εὐδενδρος: 245 n. 22
εὐθύνομος: 273 e n. 43
εὐρυεδής: 209 n. 45
εὐώδης: 325 e n. 24
ἠδονή: 221
ἠδύοδμος: 363 e n. 21
ἠθος: 335
ἠμίθεοι: 196 e n. 17, 301 n. 92
ἠρίον: 261
θαλία: 227 e n. 100
ἡμερόεις: 236 e n. 129
ἡμερόφωνος: 361
ἰοπλόκαμος: 300 e n. 91, 328 e n. 34, 339 n. 63
ἰοστέφανος: 233 n. 117, 236, 338-339 e n. 63
ἰππόμαχος: 260 n. 13
κακηγορέω: 200 e n. 24
κακός: 192 e n. 2, 210 e n. 51, 212, 214
καλλικόμος: 324 e n. 22
καλός, καλόν: 200 n. 23, 203
καπνός: 201 e n. 25
κέρδος: 202 e n. 30
κλέα ἀνδρῶν: 16 e n. 4, 17, 30
κλεινός: 282 e n. 55
κλέος: 263, 264, 265, 300 e n. 90, 308, 313, 324, 371
κόσμος: 234 n. 117, 302 e n. 96
κυάνεος: 342 e n. 72, 363 e n. 22, 363
λάρναξ: 333-334 n. 46
μεγαληγορέω: 200 e n. 24
μεγαλήτωρ: 29
μελιαδής, μελιηδής: 343 e n. 75
μελίφρων: 301-302 n. 95
μένος: 219 n. 80
μεταρρίπτω: 198-199
μετάστασις: 194 e n. 10
μηδ' ἄγαν: 210 e n. 53
μνήμα: 180 e n. 155
μνήμη: 180 e n. 155
μνήστις: 180 e n. 155, 263, 264
μολπή: 15 e n. 1
μωρός: 220 e n. 81
νεόβλαστος: 236
νήπιος: 226 e n. 94
νυκτιλαμπής: 335
ξανθός: 364 e n. 25
ξανθότριξ: 235, 236
οἰκέτης: 265 e n. 27
οἶστρος: 202-203

- ὄλβιος: 194 e n. 8
 ὄνησίπολις: 210
 ὄπλοτερος: 300 n. 92
 οὐράνιος: 328 e n. 34
 οὕρειος: 327 e n. 31
 παγκρατής: 201 n. 27
 παιάν: 15 e n. 2
 παιδοτρόφος: 359 e n. 10
 παλαιγενής: 227
 πάμμητις: 197
 πανδαμάτωρ: 264 e n. 22
 πέκω (cf. ἐπέξατο): 242-243
 Πελειάδες: 326, 329 e nn. 35 e 36
 περικλυτός: 24
 πεφυλαγμένος: 230
 πινύσκω: 357 e n. 6
 πλοῦτος: 195 e n. 14
 ποίη: 231 n. 112
 ποικίλος: 359 e n. 12, 363-364
 πολύβοτρυς: 351 e n. 90
 πολύδενδρος: 236 e n. 129
 πολυήρατος: 226 e n. 95
 πολυκώτιλος: 362
 πολύλλιστος: 325 e n. 23
 πολύφημος: 23
 πολυώνυμος: 301 n. 94
 πρίνος: 345 e n. 79
 προσόδιον: 66 e n. 5
 ράβδος: 57 e n. 88
 ράπτω: 58 e n. 92
 ραψωδέω: 44, 55, 56
 ραψωδός: 38 e n. 44, 55, 57 e nn. 85, 86;
 58 e nn. 92, 93
 σαρδάνιον: 318 n. 3
 σηκός: 266 e n. 32, 267 n. 33
 σιδάρεος: 249 e n. 32
 σορός: 261
 στεφανηφόρος ἄγων (στεφανίτης):
 141 n. 59
 στίζω: 360
 στονόεις: 257
 σφραγίς: 36 e n. 39
 σχέτλιος: 319-320 e n. 8
 τανυπτέρυξ: 194 e n. 10
 τελεσφόρος: 251 e n. 39
 τετράγωνος: 206 e n. 40
 τετυγμένος: 206 e n. 39
 τιμήεις: 308 n. 106
 τοξοφόρος: 260 n. 13, 284 n. 60, 290 n.
 70
 τραγόπους: 258 e n. 7
 ὕβρις: 140, 230 e n. 110
 ὕγις: 209 e n. 49, 210, 211, 371
 ὕγρός: 345 e n. 78
 ὕμνος: 30 e n. 30
 ὑπέρβιος: 259
 φαρκίς: 234 e n. 118, 236
 φράζω: 226
 φυγόμαχος: 196
 χαίτη: 236 e n. 129
 χαλκεόγομος: 334
 χαρίεις: 236 e n. 129
 χλωραύχην: 362 e n. 19, 363
 χλωρός: 362 e n. 19
 χρόνος: 264 e n. 22, 374
 χρυσόπεπλος: 324 e n. 22
 χρυσός: 201 e n. 26, 308 n. 106
 χρυσοφόρμιγξ: 251 e n. 40
 χρυσοφόρων: 260 e n. 13
 χρυσῶπις: 231
 ψυχή: 230 e n. 108, 237, 339 e n. 64
 ὠκύμορος: 301 n. 92

VOLUMES PUBLICADOS NA COLEÇÃO HUMANITAS SUPPLEMENTUM

1. Francisco de Oliveira, Cláudia Teixeira e Paula Barata Dias: *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas. Vol. 1 – Línguas e Literaturas. Grécia e Roma* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009). 288 p.
2. Francisco de Oliveira, Cláudia Teixeira e Paula Barata Dias: *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas. Vol. 2 – Línguas e Literaturas. Idade Média. Renascimento. Recepção* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009). 199 p.
3. Francisco de Oliveira, Jorge de Oliveira e Manuel Patrocínio: *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas. Vol. 3 – História, Arqueologia e Arte* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2010). 331 p.
4. Maria Helena da Rocha Pereira, José Ribeiro Ferreira & Francisco de Oliveira (Coords.): *Horácio e a sua perenidade* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009). 180 p.
5. José Luís Lopes Brandão: *Máscaras dos Césares. Teatro e moralidade nas Vidas suetonianas* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009). 461 p.
6. José Ribeiro Ferreira, Delfim Leão, Manuel Tröster & Paula Barata Dias (eds): *Symposion and Philanthropia in Plutarch* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009). 573 p.
7. Gabriele Cornelli (Org.): *Representações da Cidade Antiga. Categorias históricas e discursos filosóficos* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH/Grupo Archai, 2010). 173 p.
8. Maria Cristina de Sousa Pimentel e Nuno Simões Rodrigues (Coords.): *Sociedade, Poder e Cultura no Tempo de Ovídio* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH/CEC/CH, 2010). 288 p.
9. Françoise Frazier et Delfim F. Leão (eds.): *Tychè et pronóia. La marche du monde selon Plutarque* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, École Doctorale 395, ArScAn-THEMAM, 2010). 298 p.
10. Juan Carlos Iglesias-Zoido: *El legado de Tucídides en la cultura occidental. Discursos e historia* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, ARENGA, 2011). 301 p.
11. Gabriele Cornelli, *O pitagorismo como categoria historiográfica* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2011). 265 p.
12. Frederico Lourenço, *The Lyric Metres of Euripidean Drama* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2011). 451 p.
13. José Augusto Ramos, Maria Cristina de Sousa Pimentel, Maria do Céu Fialho, Nuno Simões Rodrigues (coords.), *Paulo de Tarso: Grego e Romano, Judeu e Cristão* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, /CHUL, CEC, 2012). 306 p.

14. Carmen Soares e Paula Barata Dias (coords.), *Contributos para a história da alimentação na antiguidade* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012). 116 p.
15. Carlos A. Martins de Jesus, Claudio Castro Filho, José Ribeiro Ferreira (coords.), *Hipólito e Fedra - nos caminhos de um mito* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012). 228 p.
16. José Ribeiro Ferreira, Delfim F. Leão, & Carlos A. Martins de Jesus (eds.): *Nomos, Kosmos & Dike in Plutarch* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012). 277 p.
17. José Augusto Ramos & Nuno Simões Rodrigues (coords.), *Mnemosyne kai Sophia* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH/CHUL, 2012). 200 p.
18. Ana Maria Guedes Ferreira, *O homem de Estado ateniense em Plutarco: o caso dos Alcmeónidas* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012). 396 p.
19. Aurora López, Andrés Pociña & Maria de Fátima Silva (coords.), *De ayer a hoy: influencias clásicas en la literatura* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012). 594 p.
20. Cristina Pimentel, José Luís Brandão & Paolo Fedeli (coords.), *O poeta e a cidade no mundo romano* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH/CEC, 2012). 240 p.
21. Francisco de Oliveira, José Luís Brandão, Vasco Gil Mantas & Rosa Sanz Serrano (coords.), *A queda de Roma e o alvorecer da Europa* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2012). 252 p.
22. Luísa de Nazaré Ferreira, *Mobilidade poética na Grécia antiga: uma leitura da obra de Simónides* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2013). 472 p.